

Autorização concedida ao Repositório Institucional da Universidade de Brasília pela organizadora da obra, em 13 de fevereiro de 2019, para disponibilizar, gratuitamente, o livro Poesia: obra reunida, de acordo com a licença conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra, a partir desta data. A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

CASSIANO NUNES



POESIA

OBRA REUNIDA

Organização
Maria de Jesus Evangelista

1

PAJUÇARA

Esta antiquada máquina
do corpo,
em que se gravaram
manchas escuras.

Ela olha o mar pluriverde
de Pajuçara.

[...]

Outros homens (...)

Estarão usufruindo algo, que (...)
é também meu:

o legado humano.

TWO TORSOS AND A BLOOM

Arms, legs, in disarray,
form the móbile, trepidating corolla
that turns...

Sensual rotor (rose) (...)
and the petals drop (...)

perhaps one day we shall live
solely to recollect that bloom.

CASSIANO
NUNES

OBRA REUNIDA
POESIA
VOLUME 1

Organização
Maria de Jesus Evangelista



Universidade de Brasília

Reitor

Ivan Marques de Toledo Camargo

Vice - Reitor

Sônia Nair Bão

**Biblioteca Central - Campus
Universitário Darcy Ribeiro**

Diretor

Emir José Suaiden

Espaço Cassiano Nunes

Curadora

Maria de Jesus Evangelista

**Faculdade de Ciência da
Informação - FCI**

Diretora

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

CASSIANO
NUNES

OBRA REUNIDA

POESIA

VOLUME 1

Organização
Maria de Jesus Evangelista



© 2015 by Maria de Jesus Evangelista

**Faculdade de Ciência da
Informação - FCI
Diretora**

**Núcleo de Editoração e
Comunicação - NEC
Coordenadora**

**Projeto Gráfico/
Diagramação**

Capa

**Espaço Cassiano Nunes
Coordenadora**

Revisão

Digitação

Equipe Editorial

Elmira Luzia Melo S. Simeão

Claudia Neves Lopes

Claudia Neves Lopes
Bruna Ribeiro

Obra de Athos Bulcão,
foto Maju Evangelista

Maria de Jesus Evangelista

Maria de Jesus Evangelista

Thays Barbosa de Farias

ISBN: 978-85-64494-70-1

N972o Nunes, Cassiano.

Obra resumida: poesia; v.1 / Cassiano Nunes; organizadora
Maria de Jesus Evangelista. – Brasília, DF : Centro Editorial, 2015.

270p

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Evangelista, Maria de Jesus.
II. Título.

CDU: 82-1

ESPAÇO CASSIANO NUNES

Biblioteca Central - Campus Universitário Darcy Ribeiro, Gleba A
CEP: 70910-900 Brasília - DF, Brasil - Contato: +55(61)3107-2702
maju.curadora@bce.unb.br

Todos os direitos em língua portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei.
Orgulhosamente composto e impresso no Brasil | *Proudly printed in Brazil*

SUMÁRIO

Apresentação	13
Introdução	15
1. PRISIONEIRO DO ARCO-ÍRIS (1962)	
Espera um pouco	33
Poema de exceção	34
As rosas	35
Bicicleta	36
Lutadores	37
Autocrítica e apelo	38
Versos para certo hotel	39
Canto do prisioneiro	40
Quarenta anos	41
Assassinato do menino	42
Mistério da noite	43
Metamorfose	44
Réquiem	45
Blue	46
Cinzas	47
Profissão de fé	48
O mergulhador	49
O véu	50
Ensinando um pássaro a cantar	51
Meu vinho	52
Noturno do Rio	53
O inventor de arco-íris	54

2. JORNADA (1972)

Poema do aeroporto	57
Harlem blue	58
Blue n.º2	59
Irreconhecível	60
Washington Square	61
Contemplando o porto de Nova Iorque	62
A Robert Lowell	63
Episódio	64
A busca	65
O retardatário	66
No Quintana's Bar	67
Canção do amor tranquilo	69
Estrangeiros	70
Dois pintores	71
Braque	71
Bonnard	73
This is	74
Conversa com Cecília	75
Poema de aniversário	76
O fantasma	77
Cais do Paquetá	78
A hora selvagem	79
Aniversário	80
As vésperas do Natal	81
Noturno	82
Elegia para Pedro de Arcádia	83
Milagre	84
Uma folha... Outra folha...	86
Du bist die ruh'	87
À guisa de adeus	88

3. MADRUGADA (1975)

História	91
Noturno nº 1	92
Aspiração	93
Atração	94
Alta noite	95
Improviso	96
Breve serenata	97
Triunfador em Buenos Aires	98
O eterno retorno	99
Le dîner sur l'herbe	100
Sou de Santos	101

4. JORNADA LÍRICA (1984)

Antologia Poética

Outro aniversário	105
Ante um quadro de Maria Helena Vieira da Silva	107
Sacrário	108
Cuiabá	109
A moeda	110
Poema de Aniversário	111
Recado a Adonirã Barbosa	112
Encantamentos	114
Em busca do Brasil perdido	115
O quarto de Van Gogh	116
Rapazes de subúrbio	117
A riqueza invisível	118
O jazz de cegos	119
Avelós	120
Ciganos	121
Ciganos 1	122
Brincar com o Delfim	123
Individual	125

Intimidade	126
Saudades de Vicente do Rego Monteiro	127
Brancusi	128
Clamo por espírito	129
Madrugada	130
O randevu gay	131
O sobrevivente	132
Dois corpos e uma flor	133
Idéias-flores	134
Os mortos	135
Sobre quadro de Marcos dos Santos	136
Sol num quarto vazio	137
Instante	139
Te lembrarás de Lisboa?	140
5. POESIA II (1998)	
Hotel mathias: uma estrela	143
No quarto de Fernando Pessoa	144
No jardim da casa de Guimarães Rosa em Cordisburgo	145
Ribeira Grande (Ilha De Santiago – Cabo Verde)	146
Oferecendo um livro de Luis Cernuda a Roberto Lyra Filho	147
À porta de Gabriela Mistral	148
Os gatos	149
Cinema e a vida	150
Casa das palmeiras	151
Episódio	153
Lembrança de Mário de Andrade	154
Os bombons da Leonesa	155
Perguntas	157
Vocação	158

Este velho cão	159
Envelhecer	160
No cais, em Nova Iorque	162
Invasões	163
Provação dos paus-de-arara	166
A serenidade do fim	168
Ode a Oscar Niemeyer	169
A Faculdade de Letras De Assis	171
Tema de Drummond	174
Fim de ano	175
Amor e morte	176
A campanha	177
Ante um retrato	178
Mocidade	179
Ilusionismo	180
Hemingway e seus gatos	181
Palavras finais	182

6. POEMAS INÉDITOS E VARIANTES (2015)

Cantiga para Ribeiro Couto	185
Pajuçara	186
Parto sem angústia	188
A sala de espera do consultório	189
Brasília como destino	190
Confidencial	192
Alegria	193
Palavras à cidade livre	
Hoje núcleo bandeirante	194
Ante a bandeira nacional	196
Poemas para o pai	199
Quero	201
Perguntas	202
Certa madrugada,	203

Por que	204
E se não podes viver	206
Menino judeu em Auschwitz	207
No Brasil,	208
Acarecia teu câncer	209
7. GRAFITOS NAS NUVENS (1992)	
A poesia de Cassiano Nunes	213
Eis, afinal, um grafiteiro que não	
Polui nossas ruas	214
Grafitos nas nuvens	216
8. GRAFITOS NAS NUVENS (1995)	223
9. POEMAS TRADUZIDOS (1998)	
Seven Sides To Cassiano Nunes	231
On christmas eve	240
Foreigners	241
This old dog	242
Wait a while	243
Sanctum	244
I'm from Santos	245
Improvisation	246
The legacy	247
Brief serenade	248
The hunt	249
Nocturne no. 1	250
Suffocating the boy	251
The coin	252
Van Vogh's bedroom	253
The diver	254
Nocturne	255
The veil	256

Sunlight in a empty room	257
Airport poem	259
Contemplating the	
Port of New York	260
Metamorphosis	261
Blue	262
Survivor	263
Gay randyvous	264
Individual	265
Instant	266
Flower-ideas	267
Two torsos and bloom	268
Bicycle	269
The lost Brazil I glean	270

APRESENTAÇÃO

Cassiano Nunes tem uma obra poética que o classifica entre os bons poetas do Modernismo. Sem artifícios imediatistas de criação ou expressão. Sua presença no cânone na história da literatura brasileira é porém limitada a poucas informações biobibliográficas sem maiores conceituações de estilo ou análises de temas e processos criativos significativos. E isto é motivado, parece-me, por ausência de edições disponíveis tanto para a Crítica quanto para leitores comuns. Ele escreve com originalidade, contributo marcadamente pessoal, mas de essencial herança do lirismo de tradição portuguesa. Independente de escolas ou modelos, cria seu próprio ritmo, com preferência pelos versos curtos, agenciados em estrofes caracteristicamente cassianianas enriquecendo a literatura brasileira. Trata-se de uma poesia quase sempre confessional; de temas contextualizados na realidade de sua vivência e de suas emoções. Mistificada e simbólica elevação espiritual: “Clamo por espírito!” muitas vezes finaliza a composição numa espécie de gran finale de “rever estrelas”, de mea culpa, de prece a um Deus de misericórdia e de perdão. Como seus poemas, há muito, estão esgotados, necessário se faz a reedição bem como a publicação de inéditos encontrados entre os muitos manuscritos do Acervo doado à Universidade de Brasília, Coleção Especial da Biblioteca Central, com uma Curadora, nomeada pelo Magnífico Reitor, para guardar, conservar e divulgar o Acervo livroresco/literário, artístico; e objetos pessoais do Professor, Escritor e Poeta Cassiano Nunes Botica. Denominado ESPAÇO CASIANO NUNES, ao Acervo, foi instituída, para gerenciar sua estrutura funcional, uma Comissão de Projetos. Esta Comissão, reconhecendo a carência de seus livros, aprovou a publicação de suas obras

em cinco volumes. O volume I é POESIA, compondo-se de livros esgotados e edição de poemas inéditos.

As obras completas serão publicadas pelo Espaço Cassiano Nunes/BCE/UnB, com responsabilidade e coordenação desta Comissão.

Cassiano Nunes Botica não foi apenas um polígrafo na Cultura e na Literatura brasileira. Ele foi meritoriamente um *scholar* exemplar entre seus pares na formação de gerações acadêmicas e universitárias.

Razões existem, portanto, e urgentemente, para que se publiquem as Obras do poeta, escritor e professor Cassiano Nunes Botica, pondo-as ao alcance de leitores; pesquisadores, Professores; sem as quais Cassiano Nunes não poderá participar dos programas universitários e, nem tampouco, do cânone da Literatura Brasileira.

INTRODUÇÃO

CASSIANO NUNES: VIDA E POESIA EM SIMBIOSE

Anderson Braga Horta

Falar sobre a poética de Cassiano Nunes pode, por um lado, parecer pretensioso; de outro, pode parecer fácil, por mais de uma razão: o poeta deixou, no gênero, obra pouco volumosa; e não é chegado a requintes, rebuscamentos ou pesquisas formais. Isso não quer dizer que fosse um versejador bisonho; ao contrário, sabia usar o seu instrumento, e tinha o que dizer por seu intermédio. Foi poeta de valor – tanto pela forma correta e elegante quanto (permitam-me recair na velha dicotomia...) pelo conteúdo pensamental e humano. Foi um poeta pela sua trajetória intelectual em verso e o foi pelos caminhos em que viajou sua vida. E está dito o essencial.

Seja como for —fácil ou árdua a empreitada—, não é minha intenção dar a esta fala dimensão prevalentemente técnica; desejo, sim, aproveitar a ocasião para recordar a estimável poesia dessa amável figura que foi o nosso Cassiano, entremeando o discurso com poemas e fragmentos que de certo o valorizarão.

Tampouco é meu propósito entrar em minudências biográficas; mas alguns elementos da biografia são importantes para entendermos o homem-poeta (se bem que, para a fruição de sua poesia, baste o contacto com ela, que nos envolve de imediato e dispensa qualquer veleidade de explicação). Começemos com esses dados.

Cassiano nasceu em Santos, em 27 de abril de 1921. Filho de pais portugueses, de condição modesta, passou a infância numa rua proletária de Vila Matias. Formou-se contador; sua vocação, porém, era a literatura. O lado *prático* da vida o fez datilógrafo, por três anos, do Instituto de Aposen-

tadoria e Pensões da Estiva; mais consentâneo a suas inclinações foi o trabalho no Office for Inter-American Affairs, que chegou a chefiar; mas o cabedal que levou da cidade natal tem raízes sobretudo no jornalismo e na crítica literária que praticou em *A Tribuna*, além da participação no movimento literário denominado *pesquisista*, ao lado de Miroel Silveira e outros. Teve, ainda, posição de liderança no Centro de Estudos Fernando Pessoa, juntamente com Patrícia Galvão e Geraldo Ferraz.

Antes que o jovem Cassiano saia de Santos, o que se dará em 1947, voltemos àquele famigerado “lado *prático*”, a que o jungia momentaneamente a necessidade, e que repugnava aos seus pendores artístico-intelectuais. Estes iam gradativa mas firmemente ganhando terreno, e foi essa resistência obstinada um dos fundamentos de severo conflito com o pai, conflito que lhe minou a infância, marcou a adolescência e fez para sempre vincada a face do homem e do poeta. O registro desse doloroso embate é impactante numa de suas mais conhecidas e populares composições, provavelmente o seu *carro-chefe*, o seu grande *sucesso de público*, o seu *hit*, que ele gostava de declamar e era invariavelmente aplaudido com entusiasmo:

BICICLETA

*Se eu tivesse bicicleta,
muito bicicletaria!
Iria à ilha de Creta
e às matas da cafraria.
Antes da idade provecta
muitas terras correria.
Minha ambição predileta
é ser vento e geografia!
Mas não terei bicicleta...*

Como no tempo em menino.
A mágoa ficou secreta,
calar foi sinal de tino.
Manter posição discreta!
Meu pai legou-me este ensino...
Se eu tivesse bicicleta
como tem qualquer menino,
ele acharia um desatino..

Uma observação curiosa sobre esse poema, que, não sendo, literariamente, um de seus melhores, era com certeza o mais lembrado e solicitado pelo cortejo de fãs do poeta: sua fatura é excepcional no contexto da obra, porquanto inteiramente metrificado, vazado que foi na fôrma da redondilha maior. (Mesmo o último verso pode ser lido *canonicamente* nessa medida; mas ele não o fazia: preferia declamá-lo *naturalmente* como um octossílabo. Assim o fiz, acompanhando a lição. Com isso, a *coda* soa como uma dissonância que acentua o conflito.)

Em duas outras ocasiões nosso poeta se refere diretamente ao pai. Uma delas em “Ao Espelho”, um dos quatro integrantes do opúsculo *Poemas de um Velho*, posterior à última reunião de seus versos, nos volumes *Poesia – I* e *Poesia – II*, de 1997 e 1998 (“Vou olhar-me ao espelho: / deparo com meu pai”). A outra em “Os Bombons da Leonesa”, peça mais longa que o habitual em sua poesia, e que desejo rever já pelo valor biográfico, sentimental, confessional, já pela iluminação do terceto que a encerra espraiando-se como uma bênção. Não o posso ler sem que me não comova o que há nele de redenção e de genuinamente belo.

Emprego a apossínclise, aqui, de caso pensado, para trazer à baila a única passagem, se *me não trai a memória*, em que o poeta abriga uma sintaxe que se possa dizer arcaica. É no “Tema de Drummond”, na passagem do meio para o fim: “A

Poesia é susceptível demais. / Afeta-a, como inconveniência,
/ qualquer interesse / que lhe não seja próprio. / A Poesia
retrai-se / à nossa intimidade carnal. / Ela apenas, com olhos
cegos, mas imortais, / nos aponta / a Beleza serena e impe-
recível / que, em seu universo-diamante, / deve, para nós, /
simplesmente significar / nostalgia e rigor.” Diga-se que, à se-
melhança de Drummond, também ele não seguiu o próprio
preceito poético...

Noutra oportunidade, entretanto, refletindo sobre o as-
sunto, já então em prosa, no ensaio “Poesia e Antipoesia”,
inserido em *A Felicidade pela Literatura*, assim se manifesta:

A Poesia — refiro-me àquela restrita que é representada pelo
objeto-poema e não a vasta, a geral, que se estende pelo Uni-
verso — concretiza por meio do verbo a emoção inefável que
o Homem sente em certos momentos extraordinários de sua
existência, permitindo assim que as outras pessoas — ouvintes,
ou leitores — possam partilhar dessa mesma emoção (ou
aproximar-se dela). Essa emoção complexa está inextricavel-
mente ligada à Beleza.

Mas voltemos ao poema da Leonesa:

OS BOMBONS DA LEONESA

*Após o duro dia de trabalho
na oficina mecânica,
lavado e depois da janta,
meu pai saía à noite.
la conversar
com os sócios, colegas e fregueses,
no café A LEONESA
do largo do Rosário,
onde toda a gente se encontrava em Santos.
A vida era mais social e humana
naquele tempo.
E da LEONESA, que era também confeitaria,
Papai me trazia bombons de chocolate
com licor,*

deliciosos.
Mas o que mais me seduzia nos bombons
era o seu invólucro
de papel prateado.
De diversas cores,
sempre rebrilhantes,
eles me deslumbravam.
Provocavam a minha fantasia,
a vocação para a Arte,
que porventura
havia em mim, em germe.
De manhã, ao deparar com o presente
imprevisto,
sobre a cama,
ficava cheio de contentamento.

Hoje, velho, penso ainda na LEONESA
e seus bombons.
Guardo mágoas de meu pai, difíceis
de apagar.
O raciocínio e a generosidade
insistem pelo perdão,
de que me defendo,
com a força de um instinto.
Mas penso nele com ternura,
ao evocar os bombons da LEONESA.
Não pelo chocolate saboroso,
nem pelo papel brilhante e colorido.
Mas porque o costumeiro presente
parecia revelar um pensamento amável,
a terna lembrança de meu pai por mim,
ser insignificante,
no meio das distrações numerosas da cidade.

Então, num túnel escuro,
uma luz alvíssima cai sobre mim
e me transfigura e redime.

Durante sua primeira (e breve) estada na capital paulista, Cassiano Nunes trabalha como secretário-executivo da Câmara Brasileira do Livro, por intercessão de Edgard Cava-

lheiro, participa do Primeiro Congresso de Escritores do Estado, em Limeira, e secretaria o Primeiro Congresso de Editores Livreiros do Brasil. Mas nesse mesmo ano de 1947 vai para os Estados Unidos, mercê de bolsa de estudo com duração de um ano. Retornando ao Brasil, torna-se orientador literário da editora Saraiva. Fez época e prestou grandes benefícios à juventude ledora de então a Coleção Saraiva, em boa parte graças a ele e a Mário da Silva Brito. Eu mesmo, adolescente e estudante do colegial, me vali de seus bons livros e de seus bons preços. Incapaz de se acomodar, ele estuda latim, doutora-se em Letras Anglo-Germânicas, conquista nova bolsa, dessa vez na Universidade de Heidelberg, onde também leciona, ministrando um curso sobre nossa poesia modernista, ajuda Antônio Soares Amora e outros mestres a fundar a Faculdade de Letras de Assis, no Estado de São Paulo, torna-se *visiting professor* na New York University... Enfim, de volta definitivamente ao Brasil, ouve o conselho de Drummond e vem dar com os costados em Brasília, lecionando na UnB até a aposentadoria, aos 70 anos, repetindo inabalavelmente sua profissão de fé poética e exercendo na cidade, até o fim da vida, um magistério de simpatia, compreensão e tolerância, virtudes sem as quais a competência pode tornar-se estéril.

De seu agitado périplo entre Santos e Brasília resume o essencial outro de seus marcantes poemas:

SOU DE SANTOS

*Depois de ler "Where a Poet's From",
de Archibald McLeish*

*Nasci perto do mar
como Ribeiro Couto.*

*Como ele, cantei
o cais de Paquetá,
cheio de marinheiros,*

*estrangeiros,
aventureiros.*

*Apitos roucos de navios
me atraíam para outras terras,
propostas sedutoras.*

*Corri mundo.
Vim parar no Planalto Central
onde, solitário, entre livros,
contemplo os últimos anos.*

*Às vezes, à noite,
me encaminho para o lado do Eixo
e me detenho ante os terrenos baldios
(amplidão) da Asa Sul.*

*Ao longe,
os guindastes das construções
sugerem um cenário de cais.
E o vento me traz com o cheiro de sal
o inútil apelo do mar.*

Cassiano era homem sociável. Mais do que isso, amável. Mas de solidão interna. Solidão essencial. Solidão que se reflete até mesmo no fato de povoar sua casa de livros: na sala, nos corredores, nos quartos, no banheiro, na cozinha... Solidão que se embebe em sua vida, solidão que permeia sua poesia. Solidão que risca o “Poema do Aeroporto”, o “Blue n.º 2”, “A Busca”, “O Retardatário”, a “Canção do Amor Tranqüilo”, “A Hora Selvagem”, “Alta Noite”, “Improviso”, “Breve Serenata”, “Le Dîner sur l’Herbe”, “Sobrevivente”, “Hotel Mathias: Uma Estrela”, “No Quarto de Fernando Pessoa”...

Quase corolário da solidão, outro tópos da poesia cassiânica é a autoperquirição, presente em composições como “Espera um Pouco”, “Assassinato do Menino”, “Canto do Prisioneiro”, “Mistério da Noite”, “Harlem Blue”, “Irreconheci-

vel”, “O Fantasma”, “Aniversário”, “À Guisa de Adeus”, “Outro Aniversário”, “Brincar com o Delfim”, e, obliquamente, em “Este Velho Cão” — que leio:

ESTE VELHO CÃO

*Este velho cão
que me acompanha sempre,
contra a minha resistência.
Este velho cão
que se esconde
debaixo da minha pele.
Ele uiva até nas noites estreladas.
O luar o alucina.
Pergunto-me tantas vezes:
“Por que o suporte?”
E me respondo:
“É porque ele é o meu inimigo
mas é eu próprio.”
Devo suportar
a dolorosa rotina
com este velho cão.
Até que um dia
os meus olhos se fechem,
depois de oscilarem
entre a morte e o sonho.*

Esse tópos, assim como os anteriores, em rigor assim como todos os que faz desfilar em sua trajetória, imbricam naturalmente na condição humana, que é, todavia, mais especificamente tematizada em “Lutadores”, “Blue”, “Ensinando um Pássaro a Cantar”, “Blue n.º 2”, “Cais do Paquetá” (“pode a vida estar errada / que o coração está certo”), “Fim de Ano” (“aceito, agradecido, / a solidão / como apoteose”). Simples, pois —e ao mesmo tempo complexa—, é a sua temática, tal qual a humanidade a que se vincula, e nessa imbricação convivem o menino morto mas teimosamente ressuscitante no adulto, o anátema, a solidão. Vejamos um deles:

ENSINANDO UM PÁSSARO A CANTAR

*O que tu cantas, pássaro,
é prata e cristal.
Sonora matemática
retinindo em metal.*

*Rumorejo de arroio
em demanda de tom.
Desprovidos de senso
os arabescos de som...*

*Capricho bachiano
em pequeno instrumento
de penas e de nâcar,
a responder ao vento...*

*Mas embora aprecie
essa música fria,
acho que o canto humano
possui maior valia.*

*Os êxtases gratuitos
num vórtice se somem...
Só é nobre o papel
alvo que se sujou
com as digitais do Homem.*

Seu curso entre os pólos de um planeta aparentemente restrito, mas fabulosamente ilimitado, é uma oscilação entre duas cadeias, as do mundo cá fora ("prisioneiro do incolor" — "Ciganos") e as de um universo interior ("prisioneiro do arco-íris" — "Canto do Prisioneiro"), se não me excedo na interpretação dessas metáforas antitéticas. Antítese que se resolve, talvez, na síntese do "Poema de Aniversário": o Poeta mora "numa canção / — área que se situa / entre o Sonho e a Solidão".

E o amor? e o desamor? Não serão de primeira importância para esse homem que há pouco chamei de amorável?

Claro, também do amor devemos dizer que dá seiva a sua poesia, circula por ela, destacado ou de mistura com outros temas, atormentado amor de que nos dá o tom este curto poema:

EPISÓDIO

*Fácil,
o Amor me ofereceu
a sua corola rubra,
mercenária.*

*E eu me retraí,
ferido como a sensitiva,
que, após o toque humano,
sofre ainda mais
a solidão
entre pedras.*

Cito alguns outros: “Poema de Exceção”, “Versos para Certo Hotel”, “Metamorfose”, “Canção do Amor Tranquilo”, “Estrangeiros”, “Noturno”, “Aspiração”, “Atração”, “Improvisto”, “Dois Corpos e Uma Flor”, “Amor e Morte”, “A Campanha”; e, para fechar este capítulo, “A Serenidade do Fim”, que assinala a libertação dos tormentos pela pacificação do sexo.

É possível que tenhamos ouvido alguma vez a acusação de absentismo ou alienação ao nosso homenageado. Como que se defendendo —o que nem seria necessário, tratando-se de poeta em que, já o vimos, a preocupação com a condição humana é quase onipresente—, publicou os opúsculos *Três Poemas do Povo Brasileiro* e *Versos Íntimos e Poesia Social*, em que o poeta-cidadão se apresenta por intermédio dos versos de “Invasões”, dedicados a Darcy Ribeiro, e “Provação dos Paus-de-Arara”. Maria de Jesus Evangelista, em *Cassiano Nunes: Poesia e Arte*, por sua vez, desmente a imputação com a análise da “Ode a Oscar Niemeyer”, afirmando que “nenhum projeto de política social e reforma agrária

seria tão definitivo como expresso está nos versos cassianianos” e acrescentando:

“Ode a Oscar Niemeyer” é o libelo contra toda exploração do homem pelo homem e a negação absoluta do absentismo e omissão do poeta Cassiano Nunes. A “Ode” de Cassiano fez-se arte sem falso engajamento e sem perda de suas excelências poéticas. É a negação de qualquer panfletismo populista.

Melhor, entretanto, que nossas aproximações —digamos— temáticas seria a entrega pura e simples às águas fluentes de sua poesia, ao puro lirismo, por exemplo, de “O Mergulhador”, “Washington Square”, “Noturno n.º 1”, “Avelós”, “Ciganos”, “Instante”. Leio o segundo:

WASHINGTON SQUARE

*De madrugada,
atravesso o parque
deserto.
Ficou
de minha propriedade
particular.
Até a névoa
me pertence.
A estrela
fui eu que inventei.*

A poesia de Cassiano Nunes é despojada: linguagem bem cuidada, mas nada de excessos de palavras, de preciosismos lingüísticos, de complicações formais, enfim. O verso é livre, mas freqüente o emprego da rima. Não metrificada, mas musical, com apurado senso de ritmo. Quando opta por metrificar, às vezes o faz um tanto à João Cabral, um tanto a certa maneira arcaica, elegendo um padrão silábico em torno do

qual se permite ligeiras variações para mais ou para menos.

O poeta é moderno, claro e sensível, dono de "um terno e dolorido lirismo", disse, na introdução a *Jornada Lírica*, o saudoso Antônio Roberval Miketen. Quem pôde escrever um poema doloroso como "Bicicleta", poemas impressionistas como "O Retardatário", "Canção do Amor Tranquilo", "Bonnard", "O Fantasma", "À Guisa de Adeus", "Sou de Santos", poemas perfeitos como "Blue n.º 2", "Washington Square", tem de ser, sim, conforme conclui o seu excelente estudo introdutório, "um grande lírico dentro da poesia brasileira".

Sobre ele escreveram, ainda, figuras de peso como Álvaro Lins, Antônio Houaiss, Brito Broca, Hermann José Reipert, Wilson Martins, Oscar Mendes, Mário de Andrade ("Cassiano Nunes é uma promessa de grande crítico de poesia, o que sempre faltou no Brasil") ou como Herculano Pires, Geraldo Ferraz, Helena Silveira, Moisés Gicovate, Samuel Putnam, Oscar Fernandez, Antônio Carlos Vilaça, Sérgio Milliet, Roldão Mendes Rosa, Veríssimo de Melo, Henrique Novak, Taibo Cadórniga, Gilberto F. Vasconcellos, Narciso de Andrade Neto, mais os brasilienses Danilo Gomes, Francisco Alberto Sales, J. Guilherme de Aragão, José Augusto Guerra. Alan Viggiano e Fontes de Alencar o homenageiam, celebrando os 90 anos de seu nascimento, no *Jornal da ANE* n.º 41, de agosto-setembro de 2011.

Destaco os comentaristas de sua obra poética, a começar de Edson Nery da Fonseca, segundo o qual escreveu ele "alguns dos mais belos poemas eróticos da língua portuguesa".

Domingos Carvalho da Silva deste modo discorre sobre *Jornada*, na primeira orelha do livro:

Revela a poesia de Cassiano Nunes um caso em que a experiência intelectual foi posta a serviço da experiência humana. Com isto se acomoda o fato de o autor de *Jornada*, contrariando a regra habitual, ter surgido nas letras como jornalista, crítico literário e ensaísta: somente vinte e cinco

anos depois de começar a assinar em *A Tribuna* de Santos, sua cidade natal, artigos sobre literatura é que mostrou a face do poeta de *Prisioneiro do Arco-Íris*.

Carece por isso a poesia de Cassiano Nunes do capítulo em que, habitualmente, se condensa o lirismo juvenil de quase todos os poetas brasileiros. Em compensação, ou porque represente uma visão da existência e do mundo apreendida já depois do trânsito da juventude, oferecem os poemas reunidos neste volume o traslado de momentos de refletida sensibilidade, de filtrada análise vivencial decorrente tanto do autoconhecimento como da objetiva contemplação do mundo.

Jornada é, no sentido mais preciso, o trabalho ou a viagem de um dia. Na capa de um livro é um título não apenas metafórico — o que seria pobre demais — mas simbólico. Um livro de poemas pode ser o símbolo e a síntese da missão humana no mundo.

Para Marcílio Farias, era “um dos maiores poetas brasileiros vivos dono de uma poética ímpar na história de nossa poesia: a poética orgânica, do toque e do encontro com a existência. Poesia fato, resistência, fortaleza”.

Danilo Lobo assim o analisa:

Herdeiro do modernismo em *Madrugada*, Cassiano Nunes parece, à primeira vista, despreocupado com qualquer problema formal. Esta impressão resulta da extrema naturalidade com que parecem se estruturar os poemas. Os versos são livres, o ritmo espontâneo e a rima, quando necessária, aparente no final do verso. Mas o leitor não se deve deixar enganar: *Madrugada* representa, muito pelo contrário, um esforço consciente para captar o poético em composições curtas, de forma altamente concentrada, medida e pesada.

M. Paulo Nunes, afirmando “ser o teatro, segundo a melhor tradição clássica, inseparável da poesia”, opina ser

essa “talvez a razão secreta de estarem as duas manifestações artísticas presentes em Cassiano Nunes”.

Jorge Medauar, em poema que lhe dedica, não regateia:

Ensaios, artigos, cartas
— tudo seu é poesia.

Geraldo Ferraz, a propósito de dois poemas de *Jornada*, “o do aniversário e o dos quarenta anos”, diz que “sem querer é Borges que nos vem com seu espelho de enigmas”.

Para Joaquim-Francisco Coelho, em acróstico a ele dedicado, sua “puríssima Poesia” é “intensa em raciocínio e fantasia”.

Seu amigo Raymond Sayers, notável *brazilianist* norte-americano, acha *Versos Íntimos* “uma coleção que surpreende pela sua insólita beleza”; quanto aos poemas líricos anteriores, declara-os inigualáveis em sua musicalidade, de um simbolismo peculiar, fortes, diretos e cheios de “compassion” pelo belo país natal do poeta e seus “suffering inhabitants”, além de francos e honestos na expressão do erotismo.

Caio Porfírio Carneiro acha o poema “Envelhecer” “uma das coisas mais lindas da nossa poesia”.

O editor Waldir Ribeiro do Val, igualmente ensaísta e poeta, destaca-lhe a sensibilidade, a técnica apurada, “as imagens tantas vezes belíssimas, os temas nunca ultrapassados”.

Claro que não me proponho a tarefa impossível de esgotar o repertório crítico sobre a poética de Cassiano Nunes, mas não deixarei de citar a Professora Maria de Jesus Evangelista, nossa amiga Maju, sua admiradora, protetora e, após a sua morte, curadora de seu legado cultural, cujo ensaio “Viagem em Temas e Verso de Cassiano Nunes” completa esse rico elenco de observações acerca do poeta ao lhe salientar a “extrema sinceridade sobre a miséria humana de ‘santo e pecador’, numa mística da culpa e redenção”.

Dito isso, apenas uma palavrinha sobre sua prosa, para lembrar que mestre Cassiano foi escritor prolífico, autor de notável e numerosa obra ensaística, em que chamam a atenção os muitos títulos dedicados a Monteiro Lobato. Diversos dos ensaios que assina foram originalmente pronunciados como discursos — e Cassiano orador é um grande e cativante *causeur*, passando, sempre, soberanamente ileso pelas armadilhas do gênero. Como conferencista e ensaísta, tem o Professor Cassiano uma qualidade fundamental: é sério sem ser cansativo. Seus estudos têm valor, têm peso, bem no-lo atesta a crítica responsável; a par disso, logra conduzi-los com técnica de ficcionista e jeito de bom conversador, que é (e dramaturgo, não se esqueça).

Para concluir: Cassiano, homem de cultura que transformou sua casa num viveiro de livros, era contudo pessoa simples. Freqüentador do Beirute, era popular, querido de todos. Poeta e professor, dentro ou fora de classe, nos livros ou fora deles, exerceu entre nós —agrada-me repeti-lo— um magistério de simpatia, compreensão e tolerância.

Arremato a homenagem com a leitura de um dos seus mais belos poemas:

BLUE

*Versos, como os que escrevi,
outros escreverão.*

*Canções, como as que cantei,
outros cantarão.*

*Já me substituiu
artesão mais hábil
na oficina.*

*Outras bocas te revelarão
volúpia mais fina.*

*Tudo o que morrer comigo
em mais bela forma
o mundo verá.*

*Perdoem-me
pela parcela mínima
— porém única! —
que não se repetirá.*

1

PRISIONEIRO
DO ARCO-ÍRIS

(1962)

A MICHAEL E BILLY ESTILL

ESPERA UM POUCO

Não dê o nome de amor
ao que não passa de desejo.
Ideal é uma palavra branca demais
para o teu apetite de aposentadoria.
Procura ser exato
ao definir as coisas.

A minha morte não denomines de morte.
Nem a consideres definitiva.
Espera um pouco, amigo!
Espera um pouco
pela ressurreição.

POEMA DE EXCEÇÃO

Entre mim e ti,
há muitas dificuldades:
a idade,
a distância
e, mais forte que tudo,
a implacável condenação.
Nem sequer temos afinidades!
Tu colhes os números
amorosamente como se fossem margaridas,
e eu como poderia viver
sem o diálogo com as nuvens?

Enfim, tudo, tudo nos separa:
menos o absurdo do amor.

AS ROSAS

A Helena e Luis Plaut

Ávidos de artifício,
fabricamos uma rosa.
Fazendo-la de papel,
de cetim, ou da insípida
matéria chamada plástica.
Com rombudo instrumento
de aço, damos à pétala
a voluptuosa curva.
Anilinas concedem-lhe
o escarlate da aurora.
Da França, chega em botelhas
o seu perfume.

Findo o trabalho,
afirmamos categóricos:
“Eis a Rosa!”
E a multidão ecoa
em parvo êxtase:
“Eis a Rosa!”

Abençoadas sejam as rosas
que se desfolham!

BICICLETA

A Nair Lacerda

Se eu tivesse bicicleta,
muito bicicletaria!
Iria à ilha de Creta
e às matas da cafraria.
Antes da idade provecta,
muitas terras correria.
Minha ambição predileta
é ser vento e geografia!
Mas não terei bicicleta...
Como no tempo em menino.
A mágoa ficou secreta,
calar foi sinal de tino.
Manter posição discreta!
Meu pai legou-me este ensino...
Se eu tivesse bicicleta
como tem qualquer menino,
ele acharia um desatino...

LUTADORES

Ah! os campos azuis
em que passeamos nossa ansiedade!
Colibris de trépido berilo,
ribeirões borbulhando prata...

Tão triste perceber
que jamais possuiremos a terra:
a dura e meiga terra,
chão grosso e úmido da verdade.

Tão triste concluir
que jamais chegará ao fim
a luta sangrenta
entre os dois pugilistas cegos:
nosso amor
e a realidade.

AUTOCRÍTICA E APELO

Todos os meus versos são maus,
eu sei que são,
embora neles possa haver
eventual reflexo de ouro.

Todos os meus versos são maus
porque não os impregna de ti
como devias.
Todos os meus versos são maus
por tua culpa!

Dá-me teu amor
e serei um poeta!
Dá-me teu amor
e serei mais que um poeta:
serei um ente real,
serei um homem!

VERSOS PARA CERTO HOTEL

Encardido hotel,
não só esqualido,
mas também de má fama,
como te negar
a minha ternura
se na intempérie
ofereceste abrigo
a mim e meu amor,
mudando-te então
em tépido conchego?

Lembra-te de que
todos os réprobos
que forem humildes
serão redimidos.

Como em certa noite
Em humilde estábulo
Pousou uma estrela
resplandecente

CANTO DO PRISIONEIRO

Felizes são os marinheiros
que partem sem dizer adeus,
e em cada porto de escala
renovam o mistério do amor.

Felizes são também os saltimbancos
que não se detêm em nenhum lugar,
e toda noite em teatros decadentes
fazem rir quando contam o seu drama...

Só eu não parto...Prisioneiro do arco-íris
como quem num presídio abafa
e expressa a sua ânsia construindo
um navio dentro de uma garrafa!

QUARENTA ANOS

Na linguagem da prosa,
é que faço a minha poesia.
O ofício de viver
é o arroio límpido que me inspira,
enquanto pelo asfalto flui
o tumulto da vida.

Estaria inteiramente só
se não fosse a neblina,
mas o que sofri não importa:
minha alma não foi vencida...
E a madrugada trará
a sua margarida.

ASSASSINATO DO MENINO

Para que o homem se sobreleve,
é preciso matar o menino.

Sinistro capricho
da mãe-natureza:
nunca foram vistos
xipófagos iguais!
Um homem
preso por uma membrana
a um menino!

Contemplo o seu rosto no espelho!
Homem gasto e grisalho.
Apenas o pasmo nos seus olhos
denuncia a existência do menino.

É inútil ter pena!
Não há alternativa.
Para que o homem sobreviva
e, resoluto, possa
dar nobre forma ao seu destino:
é preciso matar o menino!

MISTÉRIO DA NOITE

A Almeida Salles

Pelas florestas da noite,
vago, escoteiro.

Junto de escura moita,
suavemente inquisitivo
espreita-me um cervo.

Nas trevas,
boiam lanternas,
e persistem fixos
olhares fosforescentes.

A noite é inteiramente semafórica!

Interpreto a sua mensagem cifrada,
e submerjo na volúpia.

METAMORFOSE

É decerto pecado
a funda emoção
que me domina
no instante mágico
em que te transformas
em orquídea!
Ah! reconheço
quanto sou carecido
e como devia, intenso,
dedicar-me às criaturas,
em vez de simplesmente amar
a sua breve metamorfose.

RÉQUIEM

Cinquenta anos de contensão
(e decerto de frustrações,
de inquietude,
e da solidão imensa
que tudo ou quase tudo justifica),
e depois a queda com estampido,
a vergonhosa queda.

Ví-te a última vez
numa tarde de carnaval
num bar erótico,
bebendo teu próprio desespero.

Agora não te desesperas mais.
E conquistaste a paz
– a paz definitiva.
Não há inferno
para os mártires.

BLUE

Versos, como os que escrevi
outros escreverão.

Canções, como as que inventei,
outros cantarão.

Já me substituiu
artesão mais hábil
na oficina.

Outras bocas te revelarão
volúpia mais fina.

Tudo o que morrer comigo
em mais bela forma
o mundo verá.

Perdoem-me
Pela parcela mínima
- porém única! -
que não se repetirá.

CINZAS

Uma hora virá
de profundo silêncio.

A imobilidade
da anestesia da tarde.

Nem sequer o tremor
de asas de uma libélula.

Por que te amei?
Perguntarei, incoerente.

Mas nenhuma resposta.
Nem da brisa.

Os críticos
apresentarão diversas teorias
tentando – ridículos! –
explicar a minha ruína

Mas ao meu lado,despercebidas,
jazerão as cinzas
de remoto e ardente girassol.

PROFISSÃO DE FÉ

Eu sempre fui poeta embora sem saber
pois, no momento da inspiração,
queria vestir a Musa à maneira romântica,
e, dura, ela repelia a saia-balão.

Eu sempre fui poeta, mas com tão pouco jeito
que, no instante do paroxismo,
deixava cair ao chão o camartelo
e quebrava o marmor do parnasianismo.

Mas ao usar a minha própria linguagem,
vi, nítida, a Beleza no pátio do Dia!
desde então, cada ideia que tenho é uma imagem
e cada canção que canto é a Poesia!

O MERGULHADOR

A Paulo Chaves

Às vezes, mergulho
na represa da noite.

(No alto,
o delírio das constelações.)
Deslizo entre nenúfares
arrastando cauda borbulhante...

Pescador intenso
identifico-me com o arpão
e, obstinado, aguilhão
o líquido azeviche
até que,
fisgo um peixe de prata
e ascendo às estrelas!

O VÉU

A Antonio Candido

Sobre o rosto da morta,
colocaram um véu.

Inutilidade.

Ah! os mortos, bem se importam eles
com as nossas atitudes insólitas!
Perderam a capacidade
de scandalizar-se.
Suas faces ganharam
a neutralidade do vidro.

Como são felizes!
Podem suportar sem esforço
o que para nós é impossível:
a crua luminosidade
da verdade inteira.

ENSINANDO UM PÁSSARO A CANTAR

O que tu cantas, pássaro,
é prata e cristal.
Sonora matemática
retinindo em metal.

Rumorejo de arroio
em demanda de tom.
Desprovidos de senso
os arabescos de som...

Capricho bachiano
em pequeno instrumento
de penas e de nácar
a responder ao vento...

Mas embora aprecie
essa música fria,
acho que o canto humano
possui maior valia.
Os êxtases gratuitos
num vórtice se somem...
Só é nobre o papel
alvo que se sujou
com as digitais do Homem.

MEU VINHO

Se um dia vieres à minha procura,
o que me parece bastante improvável,
procura-me entre os humildes,
no mundo da minha infância.

Me encontrarás no bar mais encardido
do bairro mais longínquo...

Mas não me acharás bêbedo.
Pelo contrário, estarei lúcido,
de uma lucidez tão aguda,
quase dolorosa.

Embriaguez conheci, sim,
mas não aquela da maioria dos homens.
Meus lábios só tocaram um vinho: a Poesia!

NOTURNO DO RIO

Corri de novo
o Rio antigo.
Não estava só.
las comigo.

Nossas amigas,
as velhas casas,
reconheceram
teu ser noturno
e as tuas asas...
Bebi o “chopps” mais louro
– teu, por transferência –
nos bares do nosso passado,
aureolados pela tua essência...

E quando raiou a madrugada,
sorri apenas; não disse adeus;
pois acredito, amigo Brito Broca,
que tudo desemboca
em Deus.

O INVENTOR DE ARCO-ÍRIS

Eu inventei um arco-íris
para meu uso particular;
nele se acham todas as cores,
e ainda flores e até o luar...

Arco igual que no entanto,
me determina a realidade.
Cria-o mero recreio da infância,
mas ficou muito da meia-idade...

Quando eu morrer, no meu caixão,
não ponham rosas, cravos... Nem íris...
Quero na morte o que tive em vida!
Minha solidão e meu arco-íris!*

* Impresso nas oficinas gráficas de Massao Ohno Editora em julho de 1962. EQUIPE Orientação: Wilson. Caligrafia: Humberto. Capa: Milton. Impressão: Nakamura. Edição de Arte pela Editora Poexílio, Brasília, 2012.

2

JORNADA

(1972)

POEMA DO AEROPORTO

Que ficou de mim nos quartos de hotel?
No verde quintal da infância?
Nas cidades estrangeiras,
testemunhas da solidão?

Ah! A indiferença ofensiva das coisas!
A desmemória natural dos homens!
O ataque ininterrupto do Tempo!

Por que não sou como os marinheiros
que bebem esquecimento?

Antes pertenço,
à espécie dos pássaros,
que se embriagam de amplidões,
sem que lhes amorteça
o instinto do ninho.

HARLEM BLUE

Oh! Noites do Harlem,
com as brisas de abril!
Que procuro em ti?
O sabor do Brasil?

O carinho mais quente
na promessa da cor
e que Camões chamava
a “pretidão do amor”?

O saxofone fala
de uma alma ferida
e lançada à sarjeta
– tal como minha vida...

Sonho rubro da infância
que em cinzas se desfaz!
Na avenida do Harlem,
meus olhos choram jazz.

BLUE N.º2

A Manuel Moreyra

Passaram os anos...
E ainda acredito!
Na carne, no sangue,
o clamor do Mito!

E vagueio na noite
procurando, insone,
a paixão sem rosto,
o amor sem nome...

Que quero? Que espero?
É capricho? vício?
Não.

 É a solidão
e o seu exercício.

IRRECONHECÍVEL

No homem
que sai em busca
da aventura da noite
(alguns chamavam-na vício),
quem achará indício
da rubra fantasia
do menino?

Aquele que abrindo uma porta
deparar com o velho morto
(as rugas da máscara
camuflando o desgosto),
acaso reconhecerá
o menino?

WASHINGTON SQUARE

De madrugada,
atravesso o parque
deserto.

Ficou
de minha propriedade
particular.

Até a névoa
me pertence.

A estrela
fui eu que inventei.

CONTEMPLANDO O PORTO DE NOVA IORQUE

A Francisco Azevedo

Amo o que há de ambíguo
num porto de mar,
que convida a partir
e ensina a ficar...

Talvez por ter sido
um prisioneiro,
cristalizei em mitos:
navio e marinheiro!

Agora, corro mundo...
Não importa onde vá!
Levo comigo a música
do cais do Paquetá!

A ROBERT LOWELL

I

O poeta é um estóico
de forma muito natural.
O verde pútrido do charco.
Aceita como lugar.

Mártir? Quem o crê, ao contemplar
secos seus olhos?
Ouve-se a ária límpida da flauta,
não o quebrar dos ossos.

II

Os mortos insistem
no diálogo,
na quase extinta língua morta,
chamada passado.

Nos recusamos: e os importunos
resolvemos repelir com desdém forte,
como se a vida que levamos,
só fosse vida sem a morte.

EPISÓDIO

Fácil,
o Amor me ofereceu
a sua corola rubra,
mercenária.

E eu me retraí,
ferido como a sensitiva,
que, após o toque humano,
sofre ainda mais
a sua solidão
entre pedras.

A BUSCA

Essas noites de pântano,
de desgosto e esperma,
eram uivos roucos
numa planície eterna.

A procura demente,
em cada parque e esquina,
visava o diamante:
uma palavra humana.

O RETARDATÁRIO

A Roberto Lyra Filho

Dolorida ansiedade
– dolorida e inútil –,
com que tão longamente
antecipei minha chegada
ao festival da iniciação...

Mas demorei-me tanto em casa
preso por afetos absorventes...
Quando cheguei às bodas,
os convidados já se tinham recolhido às suas alcovas,
fâmulos varriam o chão empoeirado,
os adornos estavam sendo retirados,
moscas pousavam na borda de copos sujos.

E a alvorada
acabara há pouco de apagar
com a esponja da luz
os sortilégios da noite.

NO QUINTANA'S BAR

*“Num bar fechado há muitos, muitos anos, e
cujas portas de aço bruscamente se descerram,
encontro, que eu nunca vira,
o poeta Mário Quintana”.*

*Carlos Drummond de Andrade
Quintanas's Bar*

No Quintana's Bar,
sou assíduo cliente.
É um bar que não é bar,
é um bar diferente.

Nele bebo sequer
copo-d'água gelada.
Meu whisky é a noite escura,
meu gin, a madrugada.

No entanto me embriago
até às raias da loucura.
É então que me atraiçoa
a canhestra ternura
(o goche sentimento
que me expõe e envergonha,
tão inadequado
ao mundo e sua ronha).

A atração do bar
é o proprietário.
O seu rosto descerra
o auge do Calvário.

Prestidigitador
cria noites de prata,
oceano irreal
e barroca fragata...

Induz-nos à catarse
dos apetites tortos,
ao invocar a mística
de Mil Meninos Mortos.

Enquanto as horas fluem
na insólita vigília,
vai-se criando entre nós
certo ar de família.

E em esferas rolando
pela noite e seus véus,
com fé aguardamos
a alvorada de Deus!

CANÇÃO DO AMOR TRANQUILO

Repouso o meu rosto
no teu ombro moreno.
Imensa é a solidão,
mas o mundo, pequeno...

Por acaso, encontrei
mesmo em Roma e Paris,
amigos do Brasil.
Só não achei quem quis:

a alma desejada
com perfeita constância
em anos solitários
- obsessão da infância.

Aceito o meu destino
sem queixa. Estou sereno
e encosto o meu rosto
no teu ombro moreno.

ESTRANGEIROS

E de repente te encontrei
para que a perfeição do instante
se completasse.

Vinhas da pátria verdejante da primavera
e eu, da província enevoadada do outono,
mas o nosso entendimento foi imediato...
(Tanto mais atraídos quanto mais estrangeiros).

Falamos o esperanto do amor
com a sua sintaxe de flores.

DOIS PINTORES

BRAQUE

A natureza não está morta.
A mesa, a pera,
o copo e a faca,
de inesperados ângulos,
avançam.
Vibram imperceptivelmente
na atmosfera rarefeita.
Em suave narcisismo
nos murmuram: “Ama-nos”!

Respira-se repouso.
E o nosso olhar
mergulha
no mel, como a mosca,
que, quando pára,
frui.

Sorver da pera!
O verde, o mate, o bege,
o marrom e o negro
(desta vez sem ameaça),
se oferecem na plácida superfície:
eucaristia!

As formas – extáticas.
Em nós – espectadores –
a hipnose.
Não queremos partir.

Mas, do vestíbulo,
a vida nos convoca:
para a rua,
a colisão dos homens,
a intempérie.

BONNARD

De repente,
do retângulo,
as cores jorram
com exuberância,
fundem-se
numa alegria erótica.

Só o vermelho
se oferece
em mil disfarces.

O milagre é prazer.

Deus aprende.

THIS IS

(Quadro de Paulo Chaves)

A essência inebriante da noite
perturbando as mariposas.

O sorriso miniatural
dos miosótis.

O canto estrelado dos bêbedos
que afundam na cerração.

A epifania dos clowns
no remate do horizonte.

A encardida madrugada dos alcouces
que jamais ouvirá
o clarim genesíaco
dos galos.

O silêncio rochoso de Deus
– mais seus relâmpagos de revelação.

A lágrima do humilhado
transformando-se em pérola.

CONVERSA COM CECÍLIA

Conversei a noite toda com Cecília,
a quem nunca encontrei, quando viva.
Havia, em sua voz, a maciez das plumas
e, em sua alma, a resistência da sempre-viva.

Era-nos tão familiar o ambiente
que nem nos queixamos do esquema da morte.
Os quatro pontos cardeais
já não existiam mais.

Mas, nas veias, sabíamos o roteiro do Norte.

POEMA DE ANIVERSÁRIO

O voo do pássaro
é a sua maneira
de ser solitário.

Silêncio – aquário
cruzado por peixes escarlates,
perplexidades...

Uma ostra
guarda a esperança
com a boca mineral
– cerrada.

Estrelas
transmitem mensagens
– incompreensíveis.

É fácil
meu endereço.
Moro numa canção
– área que se situa
entre o Sonho e a Solidão.

O FANTASMA

Quem podia supor
tão simples um fantasma?
Sem armação de espectro
nem ectoplasma.

Confunde-se comigo.
Ouço-o em minha voz.
De fato, ao dizer eu,
devia dizer nós.

E quando faço um gesto
– o mais pessoal –,
carrega-o o trasgo
do peso ancestral.

Por fim me revolto
e com o intruso luto
até cair exangue...
Mas o ambíguo vínculo
de ternura e ódio
prossegue ininterrupto
no abismo do sangue.

CAIS DO PAQUETÁ

Alegria do cais,
substitutiva
de límpida alegria
que não existe mais.

(Mas a alma ainda está viva!)

Sim, a alma ainda está viva
e com a aguda fome
de estrelas e de mitos,
que faz a glória do Homem!

Ácidas blasfêmias
não mudam erva tenra
em saibro do deserto:

pode a vida estar errada
que o coração está certo!

A HORA SELVAGEM

A Edson Nery da Fonseca

Era um subir e descer de escadas
sem nenhum aspecto soberano.
Pelo contrário: o pó e o suor
degradavam o show do desengano.

O silencioso sofrimento
não era revelado por seus passos
e nenhum dos transeuntes percebia
a extrema solidão daqueles braços...

ANIVERSÁRIO

Um velho no espelho
curioso, me contempla.
Creio que me interroga
da árvore do tempo.

Botânica lunar
gera tais vegetais:
a textura bizarra
de sucata, cristais?

Cerro os olhos. Um travo...
E mergulho em espumas
dos rios navegáveis
que são as minhas rugas...

AS VÉSPERAS DO NATAL

Outra vez, o Natal.
Como ficaram velozes
os calendários!
Depois dos quarenta,
o tempo dispara.
Não é mais possível detê-lo
nem pra contemplar um beco
(imaginemos, o da Música).
Verdade é, ainda há compensações:
o roxo vinho na ceia,
manchando auspiciosamente a toalha,
e a estrela do presépio,
esplêndida,
fazendo ressurgir a aspiração exigente,
que, um tempo, flamejou
em nossas vidas resignadas.

NOTURNO

Chega um instante
em que, no amor,
não se procura mais
o rosto magnético,
o jeito único, obsedante,
– prerrogativas de pessoas...

Chega um instante,
em que, no amor,
não se procura mais pessoas.
Apenas
(e humildemente)
se procura paisagens,
cenários,
o parque, alta noite, na solidão,
o medo do que se oculta nas moitas,
a lâmina que vara a carne
com a fúria absoluta,
que exigíamos no amor.

ELEGIA PARA PEDRO DE ARCÁDIA

Todo morto está definitivamente morto. Ninguém mais o conhece. Mas o poeta o canta. O canto é uma forma final de conhecimento e de salvação.

Pedro Salinas

Tua estranha mescla:
índio suspeitoso – puro –
e o triunfo afetivo italiano.

No fundo teu nome bucólico,
a predestinação da poesia,
não obstante o saibro da tua cidade natal,
seu anseio espesso,
sem alvo.

Te descobri o signo.
Te proclamei o diamante.
Por que não te atendi ao apelo,
silencioso mas profundo?

Não ressuscitaremos
o momento, a oferenda.

Sobre tua campa,
não ousei colocar uma rosa.
Apenas um trevo.

MILAGRE

*Roselândia deu a um novo tipo de
rosa o nome de Cacilda Becker.*

(Do noticiário)

Menino-moço,
vi-te, pela primeira vez,
menina-moça
(mais menina que moça)
e logo rolavas espetacularmente
(meu primeiro pasmo)
por longa escadaria,
ao som fermentado da “Lenda do Beijo”.
Mas tua decisão era sincera.

Partiste para outro tipo de bailado:
o drama.
E viveste o amor, o ciúme, o ódio,
a ambição e a renúncia,
no palco
e fora do palco.
Plenamente.
Majestosamente.

Havia instantes
em que, em cena,
paravas, silenciavas –
e um raio de luz,
desconhecido dos electricistas,
perpassava, nítido, pelo palco.
A poesia.
Sem dúvida, lograste a glória.
E uma glória ainda maior

que desdenha a conviência
da publicidade meretrícia:
a serena aceitação do absurdo da vida,
a certeza de Deus.

E ainda dizem que não há mais milagres!
Nunca houve tantos.

Acho muito natural
esta metamorfose:
Cacilda Becker
transformou-se numa rosa.

UMA FOLHA... OUTRA FOLHA...

A terra de uma só cor,
monótona, indiferente.
Contudo, recolhe
a folha ressequida,
despojo de vida plena,
ao mesmo tempo que, outra vez,
oferece o broto verde:
campos, bosques, lavouras,
e a volta da Esperança
– eterna seiva do Homem.

DU BIST DIE RUH'

Tu és o repouso!
Tu és o descanso,
o prado, o regato
e o cordeiro manso.

Tu és o céu azul
e a ramada umbrosa;
tu és o jardim
com a rubra rosa.

Tu és brancas nuvens,
coches do sonhar,
as praias morenas
e o infinito mar...

Tu és a plenitude,
enfim conseguida,
a morte serena
após a vida vida!

À GUISA DE ADEUS

A noite

já não me murmura
o seu segredo.

Ramadas, moitas, touceiras,
esvaziaram-se de fantasmagoria.

Desapareceu também o menino amedrontado
e atraído.

Ávido do beijo violento, sacrílego.

Como campânula sem resquício de ar
(remota lição de um livro cinzento),
a obscuridade umbrosa
se despojou do mistério humano.

Contemplo agora
um mistério maior.

Obs.: Esta edição de Jornada, 1972, traz 16 (dezesseis) poemas do livro Prisioneiro do Arco-Íris, 1962. (Q.V.)

3

MADRUGADA

(1975)

A EDSON NERY DA FONSECA

HISTÓRIA

Nunca amei a Beleza
por humildade.
Não a mereço, pensava.
Procurei, pois, o feio
em bairros encardidos.
Por sorte,
a Poesia surgiu
e transfigurou tudo.
Silhuetas baças
tocaram-se de madrepérola.
Até que, um dia, concluí:
mereço como os outros.
Não há privilégio.
Mas era muito tarde
e detive-me à janela,
contemplando a agonia da noite.
Só pensar na Beleza
já me fatigava.

Ó Dama Pálida!
Como é terrível
a tua igualdade!

NOTURNO Nº 1

Nunca me sinto pobre,
ao contemplar as estrelas.

Qualquer doido
(eu)
possui
o latifúndio do céu.

Aguardente negra e gratuita,
a noite me embriaga.

Sonho melhor
acordado.

ASPIRAÇÃO

A noite extraordinária em que vieres,
desabe um poderoso temporal...
Tensos, tácteis,
nos descobriremos
na praia escura da nudez.
No claro desafoço da madrugada,
o tamborilar da chuva
nos oferecerá seu jubiloso ritmo
e, à melodia líquida das calhas,
eu possa, com os olhos ardentes,
contemplar, na penumbra aconchegante,
teu corpo luminoso.

ATRAÇÃO

Não me canso de olhar
o cinema das nádegas.

Mistério do redondo:
por que transverbera?
o que mais me obceca?

No contorno da onda,
preciosa borracha,
o compasso dos lábios
em voluptuoso traço.

O que consideras
cacto aberrante,
talvez não passe
de matiz do gosto.

ALTA NOITE

Alta noite, leio Marianne Moore.
Passo no lajedo.
Olhos através da grade.
De fora,
os dois gorjeiam cumprimentos
com a cordialidade aflita
do vício carecido.
Tão acessíveis suas carnes claras,
tão disponível
o frescor de sua juventude!
Partem desajeitados
com a recusa amável.
De novo, a solidão.
Há luz demais!
Procuro agora
versos pássaros.
Busco, também carente,
remota, salvadora canção.

IMPROVISO

Só no instante
em que te beijo a boca jovem,
é que percebo
a verdade sem remédio
da minha idade,
os séculos que nos separam,
tanta neve,
tanto desperdício,
montões de rosas murchas,
lixo,
em mil alamedas.

BREVE SERENATA

Como posso queixar-me
de solidão,
se possuo a noite
e a sua canção?

A noite é tão vasta
que me perco nela!
Amor! Acende a estrela
de tua janela!

TRIUNFADOR EM BUENOS AIRES

Passou. A soberba
juba encaracolada.

Flexuoso
o junco do corpo.

No andar,
o ritmo do rock.

Ausente o sensual.
(Toda sensualidade
é humilde, carente).

E, arrogante,
seguiu pela avenida,
desfraldando a sua mocidade,
efêmera bandeira.

O ETERNO RETORNO

Colhemos, do momento,
as numerosas uvas.

Ao fim,
restam apenas
esparços vestígios
do sabor.

De novo, partimos.
E de novo
o chão pulverulento
promete morenos parreirais.

LE DÎNER SUR L'HERBE

À noite, foram chegando pouco a pouco
ao parque umbroso
(a treva rumorejante).
Desconhecidos uns dos outros,
vinculava-os apenas
a opção profunda.
Com naturalidade,
desnudaram as almas,
afrouxando roupas...
O sexo acendeu como um fósforo.
Uma intensa felicidade
(tão breve!)
no desafogo.
Findo o improvisado festival,
retiraram-se sem despedidas
para os seus subúrbios,
dispostos a roer
por mais uma semana
a côdea do quotidiano.

SOU DE SANTOS

*Depois de ler "Where a Poet's From"
de Archibald McLeish*

Nasci perto do mar
como Ribeiro Couto.

Como ele, cantei
o cais de Paquetá,
cheio de marinheiros,
estrangeiros,
aventureiros.

Apitos roucos de navios
me atraíam para outras terras,
propostas sedutoras.

Corri o mundo.
Vim parar no Planalto Central
onde, solitário, entre livros,
contemplo os últimos anos.

Às vezes, à noite,
me encaminho para o lado do Eixo
e me detenho ante os terrenos baldios
(amplidão!) da Asa Sul.

Ao longe,
os guindastes das construções sugerem um cenário de cais.
E o vento me traz com o cheiro do sal
o inútil apelo do mar.

4

JORNADA LÍRICA

ANTOLOGIA POÉTICA

(1984)

BOA NOITE, AMÁVEL PRÍNCIPE!

“Le rêveur se retire de son revê.”

Ionesco - Le Roi se Meurt

“Um homem vai longe para saber quem é.”

Theodore Roethke

OUTRO ANIVERSÁRIO

Após tantos estudos,
aprendo a velhice.

Curso difícil.
Exercícios constantes
de despojamento.

Despedida
à euforia verde
da seiva,
à ágil dança do quotidiano,
à rosa violenta
da energia.

Humildes aceitamos
novas leis:
seda esmaecida,
chumaços de algodão,
finos arames.

O açafirão desbota;
prolifera o cinza.

Ansiosa, a vista
procura distinguir
nuances no crepúsculo,
mas estacamos
ante horizonte de submissão
integral.

Parecia cedo
mas já se retiraram os convivas.
Repudio a televisão,
seu copo de leite
pardacento.
Resta-me dialogar
com o Outro,
presença permanente, sim
mas oblíqua.
Obriga ao viés.

Tento um derradeiro
grito rebelde
mas sou humilhado
por álaçre troça
de judocas,
ostentando sedosos
músculos.

Curso sibilino,
contudo aguardo
prova e -aprovação.
(Dispensável o diploma.)
Entanto, não é tudo.
Há ainda outro curso.

Muito mais difícil.

ANTE UM QUADRO DE MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA

(no Museu de Arte Moderna de Paris)

Na trama treliça
estruturas múltiplas
embricando-se
cantam no ar matinal
O orvalho roreja
no cimento armado
Emaranhada geometria
Labirintos
retilíneos casbahs
em que buscamos
o ariadnesco arielesco fio
Trilhos vigas
andaimes no éter
Armações negras
(levitam?)
na areia prateada

E a Alma
na gradeada pirâmide
frui na pele
o borribo diamantino.

SACRÁRIO

Poesia:
aprendizado perene
ou perito artesanato?

Ofício
é o que é:
modesto,
proletário

Parvos
os que se proclamam
ricos,
vencedores.

Não há vitória
nesta parda rotina,
não obstante
o invisível resplendor.

Conserva, pois humilde,
em eucarístico silêncio,
encerrado no peito,
o deus.

CUIABÁ

Toco o útero da nossa América
nos teus becos
(Beco do Candeeiro,
Beco do Cabo Agostinho),
nas tuas casas centenárias, rústicas
baixas, despojadas
(e apenas adornadas de beirais duplos e até triplos),
que podiam ser de Itu ou do Crato,
na sua fisionomia brasileira.
Até a entrada de tua Delegacia de Polícia
oferece uma paz de convento colonial
(Quantas violências
não terá conhecido
tua cadeia retirada,
em madrugadas trágicas!).
Os bandeirantes não legaram o ouro,
os diamantes:
apenas uma semente
que és tu mesma, Cuiabá!
Cidade simples,
elementar
mas fecunda,
como o ventre de todas as caboclas
– nossas irmãs e nossas vítimas –
deste imenso Mato Grosso
que é o nosso país.
Recebeste
no mais íntimo do teu seio
(contemplo amorosamente
teu rosto sério, cafuno)
o sêmen do Sonho Nacional.
Cidade central,
que estás parindo

o futuro do Brasil!

A MOEDA

Mendigo noturno,
não foi inútil
tua caminhada.

Da madrugada,
exausto,
te atiras ao catre.

Mas, no fundo do teu bolso,
se aninha,
moeda cintilante,
o poema.

POEMA DE ANIVERSÁRIO

Ao professor Roberto Lyra Filho

Sinto o crepúsculo imponderável,
contudo não apaga
a rubra flama das rosas.

O sereno gris
molha a relva,
mas não dissolve
o seu grito verde.

A cerração se aninhou
nos montes circundantes.
Que importa? O coração ainda impõe
o estandarte, o seu gládio.

Oh! crepitar que és música!
Oh! discreta melodia da lareira!
Das moitas se evolam
estalidos de beijos
que me imprimem
na alma devastada
reticências nostálgicas...

A biografia dos poetas
não tem ponto final.

RECADO A ADONIRÃ BARBOSA

Ítalo-paulista
brasileiríssimo
na graça malandra
descobriste o samba de São Paulo
(descobrir, de certo modo, é dar)
com que São Paulo ficou mais Brasil
mais irmão de outros brasís
mais nordestino
mais carioca
com todos os seus italianos sírios japoneses
judeus armênios gregos
E o fizeste
de maneira tão simples
pegando os ônibus que vão
para a Freguezia do Ó e Chora Menino
os trens de subúrbio
que partem para Mauá ou Perus
(Imortalizastes Jaçanã!)
Saudei-te emocionado
em numerosos bares da noite paulistana
(eu que não bebo)
nas gafieiras da Glória
(eu que não danço)
falas a gostosa gíria do crioulo de Osvaldo Moles
conheces as mulatas enxutas de Fernando Góes
frequentas as sinucas torvas de João Antônio
(tiras caftens malandros)
como este moço triste
captaste a alegria áspera de São Paulo
Nos teus sambas

toco a fuligem a bruma
a solidão a esperança
Em nome de Vila Maria, de Tremembé
em nome da Luz e do Cambuci
homenagem simples
eu te ofereço este poema
recado de amizade e gratidão
a que falta naturalmente
a funda poética melodia
dos teus sambas
denominadores comuns brasileiros
em que contemplamos
a luta o sonho
o suor a utopia
da cidade das fábricas arranha-céus e favelas
atracada no planalto submersa no sonho pardo da garoa.

ENCANTAMENTOS

(Inspirado em José Antonio da Silva e Guimarães Rosa)

O mundo é um encantamento.
Cada um de nós é um encanto.
Os que amamos,
e morreram,
se acham encantados.
Falam conosco
no idioma de doloroso veludo:
a saudade.
As árvores, os pássaros, as nuvens...
Não é a Natureza encantada?
E até o homem
mesmo o rústico,
solta no ar
um chorinho cheio de graça e cordialidade,
se se desprende da depredação, da baba...

As horas cinzentas
que virão,
eu as aceite
sem renegar instantes de encantamento
peremptos.
E estas palavras,
com outras irmãs
- estrelinhas polvilhando
a negra imensidade -
permaneçam
ao menos alguns anos,
nome próprio da eternidade.

EM BUSCA DO BRASIL PERDIDO

Se eu fosse Volpi pintaria
essas portas e essas janelas,
tão rústicas quanto formosas,
verdes, azuis, amarelas!

Elas são o que sobrou
de um país vasto e primitivo,
em cujo corpo vagaroso
morava um espírito bem vivo!

Tudo acaba... Resta pensar
quão belo podia ter sido!
Vou-me embora para Nova Iorque
em busca do Brasil perdido!

O QUARTO DE VAN GOGH

(contemplando um quadro em museu de Amsterdã)

Recuso
os apartamentos presidenciais
com seus tapetes
lustres
vinagre.

Escolho este quarto pobre
a frágil cama de solteiro
duas cadeiras rústicas
a mesinha de cabaceira
com seu jarro de vidro
e a fórmula poderosa
da explosão dos meteoros.

RAPAZES DE SUBÚRBIO

A Marcílio Farias

Esses rapazes de subúrbio:
agrada ouvir
o seu alarido alegre,
Satisfaz também
neles contemplar
privilégio da mocidade:
frescor de pele,
cabelos revoltos,
olhar animoso.
Quando nos veem,
sorriem com simpatia,
nas suas roupas de mau gosto,
endomingadas.
Nos gramados varzeanos,
seus corpos flexíveis
desenham dribles,
tocados de fantasia.
Em madrugadas de domingos,
comentem excessos tão triviais
quanto os subúrbios
em que vivem.
Bêbados, disparam ameaças, palavrões.
E às vezes se atiram de borco
ao chão
e chorão.
Eles sentem
(e isto punge)
que possuem apenas
a sua juventude.

A RIQUEZA INVISÍVEL

(respondendo a um poema de Montale)

A Francisco Alvim

Duas vezes vi Ungaretti.
Duas vezes, encontrei Bernanos,
e, na última,
voltei-me, até desaparecer na esquina
seu vulto altivo de mosqueteiro.

Nada revelava, nesses videntes,
o estigma divino.
Confundiam-se com o incolor quotidiano.

Já me cansam essas mãos cúpidas
que, simulando enleios,
me arrebatam
na vertigem inócua.

Ignoram no homem calvo, gris,
o sonho persistente, a refugada ternura,
a galeria de fantasmas
- sua maior riqueza.

O JAZZ DE CEGOS

O jazz de cegos
é que provoca
a euforia
de Momo e Baco
que há na sala.
O jazz de cegos
solta a marchinha
carnavalesca
e a turma toda
sai requebrando
num cordão único...

Ó cegos santos
por que não aprendo
vossa lição?
Mesmo só tendo
tristeza n'alma
a nós compete
a invenção
da alegria!

AVELÓS

Avelós! avelós!
És tão verde
E te estendes amorosamente
(o viço inalterável,
a ternura persistente,)
pelo agreste pardo.
Compreendo teu apego
ao árido.
Também tenho sido leal
ao meu áspero emblema!
Também tenho sido fiel
a esta amarga alegria!

CIGANOS

Temerosa, minha mãe prevenia-me:
fugisse dos ciganos, roubavam meninos.
Amedrontado, me acautelava-me.
Detinha-me à porta
e via-os partir,
colorida farândula,
impetuosa como o instinto,
no olhar um brilho de vinho.
Obscura nostalgia então me possuía
por aquelas terras para onde eles iam,
por volúpias que deviam ser parte de suas vidas,
e a mim eram negadas,
prisioneiro do incolor.
A atração sem resposta
doía ambigualmente.

Hoje, realista, sei
que esse país do desejo
nunca existiu.
Inventava-o apenas o grito
da minha mais íntima fome.

CIGANOS 1

Temerosa, minha mãe prevenia-me:
fugisse dos ciganos, roubavam meninos.

Amedrontado, me acautelava-me.
Detinha-me à porta

E via-os partir,
colorida farândula,
impetuosa como o instinto,
no olhar um brilho de vinho.

Apoderava-se de mim
obscura nostalgia
por aquela terra dos sem destino:
composta de imagens,
melodias, sensações cheiros,
tudo desfocado,
meio confuso.

A atração sem resposta,
doía ambiguamente:

Hoje, realista, sei
que esse país do desejo
nunca existiu.

Inventava-o o grito
da minha mais íntima fome.

BRINCAR COM O DELFIM

A Araci e Nelson Zanotti

Gostei de ver em LIFE
o jovem Luke Halpin
numa piscina azul,
a brincar com um delfim.

Na luta à solidão
trágica do homem,
faça-se delfim,
aliado do cão.

Que tolo fiz de mim!
em Santos,
ao cruzar o canal,
fugi de uns delfins
que se aproximaram
com intenção cordial.

Seus dentes não mordem
e ao descomunal
corpo que têm,
repugna o brutal.

Pode ser que o delfim
careça da finura
dos delfins de França!
Mas como o transfigura
a sede de ternura,
de órfão, de criança!

Não atendi aos enleios das sereias.
Preferi, suave monstro,
esperar-te em noturnas areias.

Não matarei (como aconselharam)
o menino, que, radioso, vive em mim.
Na espuma ficará eternamente
a brincar com um delfim.

INDIVIDUAL

Alegria de ver
a primeira margarida
despontar
em meu jardim
(apenas um canteiro).
Flor da propriedade.
Flor da poesia.

Todas as flores são particulares.
Segredam intimidade
sob o sol coletivo.

INTIMIDADE

Sabor de solidão
como o azedo
de certos frutos...
aprendi a fruir-te,
atmosfera interior,
sereno vapor!
No espaço doméstico,
o puro ato de viver.

O que perdi, foi lição.
Do que falhou,
faço um cântico.
Toda a sabedoria
é amarga,
mas conforta.

Beckett!
Nem tudo é refugo.

Como num favo,
a Poesia

destila em mim

melodioso mel.

SAUDADES DE VICENTE DO REGO MONTEIRO

Em que mundos,
em que páramos,
caminhas ou navegas
na tua desbotada e desconjuntada
limusine?

Que mágico verso murmuras?
Em que tela imprimes
teu cubismo mítico?
Ofereces ainda a celeste aguardente
de tua alquimia?
O poético, o lúdico,
o erótico, o malicioso
(contudo, ingênuo),
eram tão teus objetos
como do atelier, em que trabalhavas,
as colagens, bricolagens,
experiências de tipografia.

A cidade do Futuro
te foi pior que hostil:
neutra.
Nem os jovens te viram:
repetiam gastos eslogãs.

Mas eu, já encanecido,
ainda pude aproveitar a tua lição:
a invenção,
a permanente, a perpétua
invenção,
róseo giroflê, desafiando o nada.

BRANCUSI

Captaste nas formas
os traços elementares
e resplandece neles
a Beleza imanente.

O tronco levemente inclinado,
a delicada curva das nádegas...

Os ovos adâmicos.

Mergulhando, revelaste
o segredo abissal da Terra
– húmus, umidade, fermentação –,
na epiderme lisa da pedra
de que, naturais, emergem
o prototípico, a síntese, a elipse.

Ah! o disparado voo
nas amplidões!

O coquetel cósmico,
a bebedeira no éter.

Greda, sangue, esperma,
Agora tudo é apenas
Um frêmito de asas.

CLAMO POR ESPÍRITO

Clamo por Espírito!
Socorre-me, ó Musa!
Nos fofos triclinios,
como a carne é obtusa!

Sem o pacto das almas,
embota-se o sexo.
apenas em águas transparentes,
narciso beija o seu reflexo.

MADRUGADA

Findo o momento animal
(a íntima pantera
se dessedentou
em sangue estelar),
tu adormeces
num bosque denso,
enquanto eu caminho
por enevoadado labirinto.
Eu busco... O que busco?
Astro fixo, insolúvel
mas me perturbo
com a tua distância
e, conforme, apago na carne
mil cintilações personalíssimas...

por fim, me dissolvo
em ilimitado mar:
indistinção de fera.

O RANDEVU GAY

Muitos cinemas
não contam
com tão grande público!
Não há tempo
nem para trocar os lençóis.
A registradora,
alegre e tilinta.
E, insaciados,
os corpos arranham o linho,
buscando aquela praia,
aquela brisa, aquele sol
- vã promessa dos poemas.

O SOBREVIVENTE

A Augusto de Rezende Rocha

No rio da memória,
de lodoso leite
e águas escuras, borbulhantes,
passam belas cabeças,
bocas fascinantes,
passam coxas bem torneadas,
braços lácteos,
falos, nádegas dos mais variados riscos
e tons de pele
- o vertiginoso arcano do redondo.

Eu me perturbo
querendo identificar esses destroços,
eles revolteiam, negaceiam, submergem,
retornam num rodopio derradeiro
e acabam engolidos por um redemoinho.
Ao fim, existo eu apenas,
solitário e vertical,
sobrevivente do dilúvio das ilusões.

DOIS CORPOS E UMA FLOR

No escuro do quarto,
nossos corpos se dissolvem,
se confundem.
Braços, pernas, dispersos,
formam a móvel, trepada corola,
que gira...
Giroflê carnaval,
erótico recreio.
Roda(rosa) sensual,
circulando, concentrada, no Tempo,
até que, num instante,
digamos “acabou”,
e as pétalas caíam para sempre
peremptas.

E, no ermo,
Sem tarefas nem compromissos,
Talvez, um dia vivamos só para a lembrança dessa flor.

IDÉIAS-FLORES

É preciso viver
o instante da madressilva.
É preciso fruir
o momento do agapanto.

Cada minuto
desabrocha em flor.
Ávida boca de orquídea,
Golpe de espada-lírio.

Caminhamos
sob signos florais.

Aceita, da margarida,
o sol minúsculo.
Converte-o
no sistema potente
do universo íntimo.

OS MORTOS

Devíamos amar assim os mortos
tão carnalmente,
com a violência que brota
da dor funda
do desejo nunca saciado?
Devíamos ansiar ainda por seus corpos esplêndidos,
agora ossos, pó ou nada?

Ah! esses mortos, impiedosos mortos!
cruéis duas vezes:
porque se nos negaram outrora
– no passado irrecuperável –
e continuam a negar-se agora
na inacessibilidade da morte.

Mas não haverá alguma virtude
neste anseio insensato e sacrílego?

Afinal, tantos esqueceram
e nós permanecemos fiéis
– a fidelidade que jamais finda,
a fidelidade da carne lograda...

Ah! os mortos que amamos
se ainda vivem por instantes,
é porque os lembramos!

Como deviam ser gratos
aos seus absurdos amantes!
Quando nós também tivermos morrido,
então sim,
eles estarão completamente mortos!

SOBRE QUADRO DE MARCOS DOS SANTOS

Do sereno, excluído,
contemplo a festa que pintaste,
mágica,
infantil,
(isto é, com os sentimentos profundos,
doridos, incompreensíveis,
das infâncias marcadas.)

Os grandes balões coloridos
(ou corolas?)
imensos como o desejo das crianças,
oscilam no luscofusco misterioso.
Hastes, para que flor?
Grotões, para que súcubos,
orgasmos?
Floresta trigueira,
sim, mas fantasmagórica,
espaço fosco de irreabilidade.
Penumbra aliciante
para o amor impossível,
o que não se realizará.
Nunca!

Fascinado,
partilho do teu sonho
que delícia e dói.

A moldura mura
esse bosque noturno e fádico
fechado à chave.

SOL NUM QUARTO VAZIO

(quadro de Hopper)

A Asta-Rose Alcaide

O sol penetra
no quarto vazio
pela vidraça.
Como o Espírito Santo
perpassa o hímen sagrado.

Na sua língua de luz
anuncia que lá fora
existem árvores,
vento,
terra úmida,
céu.
Propõe a aliança
do exterior com o interior,
do mundo com o indivíduo,
da Natureza com a Alma.

Na tela,
quadriláteros claro e escuros
– jogo de luz e sombra.
No ambiente nu,
os retângulos puros
lembram a afirmação de Flaubert:
“Nada existe mais belo
que um muro caiado ao sol.”

Pintor realista?
Metafísico?
Abstrato?

Como pôde um homem
no fim de sua vida,
no seu último quadro,
compor tão límpida elegia,
ou seja,
um hino à Vida,
tão cristal-ino?

Abstraio-me
das paredes e esquadrias,
do que é material e real
no quadro,
e saboreio,
em êxtase,
a Beleza nítida e misteriosa.
Deito-me no quadro
– e sonho.

INSTANTE

O regato caminha
cantarolando
sua eterna infância.

Ora pássaro,
ora elefante,
a nuvem plana
no rинque aéreo
- azul.

As flores morrem
como nascem:
sorrindo.

Oh! deixa-me cair
como cai uma folha
ressequida,
plena por ter vivido
a sua própria vida.

TE LEMBRARÁS DE LISBOA?

No cerne
das raízes extremas,
no centro
da cisterna ancestral,
íamos recolhendo
o azeite
o mel,
ternura há milênios rebaixada,
alvo fácil do cuspe,
e, contudo, sempre a ressuscitar,
transfigurada,
virginal.

Lúcidos, fruíamos
esses instantes mortais
que, sorrindo,
chamávamos de eternidade.

5

POESIA II

(1998)

Em memória de

Miroel Silveira,
Cid Silveira,
Raymond S. Sayers
E Nair Lacerda

- amigos inesquecíveis.

HOTEL MATHIAS: UMA ESTRELA

O Hotel Mathias
tinha só uma estrela.
Uma única estrela,
Estrela solitária.

No entanto,
para mim era bastante
essa estrela singular.

Ela iluminava, ímpar,
o meu quarto de solteiro,
pobre como o de Van Gogh.

Transluzia
nas ruas escuras
de Santa Ifigênia,
em que eu me perdia.

Inspirava, exclusiva,
a minha solidão.

NO QUARTO DE FERNANDO PESSOA

No quarto de Fernando Pessoa,
pergunto às paredes
pelo homem comum.
- o homem verdadeiro,
de carne e osso,
porventura com caspa e mau hálito.

Espero que me contem
de sua solidão ácida,
de seus sonhos viscerais,
de alcoólico,
de seu onanismo
engrinaldado de nádegas adolescentes,
de seus ideais
fora das medidas da razão,
dos versos que faltam à ampla arca,
sonhados mas não escritos,
da sua morte humilhante
com pseudônimo de cirrose.

Oh! Tu que tudo sabes!
Mais uma vez,
ousou perguntar-Te:
por que a grandeza é dor?

NO JARDIM DA CASA DE GUIMARÃES ROSA EM CORDISBURGO

Depois de ter visitado
a casa rústica, sertaneja
– essencial –,
lar e armazém,
a família unida ao negócio,
atinjo o jardim doméstico.
Que exuberância de folhas, palmas e flores!
A profusão do verde
em variedade de matizes.
Formas de plantas e arbustos,
as mais imprevisíveis.
A natureza tem tanta imaginação!
Numerosos vegetais silvestres
e não sei seu nome!
Como gostaria de conhecê-los,
nomeá-los,
sentir-me mais irmão deles!
Reconheço o meu fracasso de brasileiro
– tão comum afinal –
e deixo o horto.

Volto melancólico,
para onde o Brasil
não é mais Brasil!

RIBEIRA GRANDE (ILHA DE SANTIAGO – CABO VERDE)

Cheguei muito tarde
à primeira cidade
fundada pelos portugueses
nos trópicos.

O que era majestoso
há muito
se acha em ruínas.

Porcos atravessam a rua,
indiferentes
a um possível automóvel.

No largo minúsculo,
só o pelourinho,
vertical, nobre no seu estilo manuelino,
parece intangível.

Sua ominosa argola de ferro
ainda aguarda os acusados,
que, decerto,
se libertam para sempre.

OFERECENDO UM LIVRO DE LUIS CERNUDA A ROBERTO LYRA FILHO

Caminhando por Castela,
encontrei o teu poeta,
o que, noutro idioma,
diz, no mesmo tom,
doce tormento
igual.

Bebe este purpúreo vinho,
converte-o
no teu sangue.

Estes poemas te desnudam.
Neles, o cântico íntimo
descobre a dupla face
fremente.
Assim, como um espelho
reflete outro espelho.

À PORTA DE GABRIEL/A MISTRAL

Há anos, muitos anos,
à porta de uma casa antiga de Petrópolis
– na única vez que fui lá:
Toco a campainha?
Não toco?
Não toquei.

Fiquei ainda, um tempo,
parado, indeciso,
e depois parti.

Poderia ter-me iluminado
de um clarão divino,
de uma chama redentora,
mas opaco, pobre,
parti.

Até hoje,
essa covardia me dói.

Não me perdão.

OS GATOS

A Edson Nery da Fonseca

Os gatos,
delicados,
quando nos veem
fogem.
Eles sabem
de quanto é capaz
o Homem.

CINEMA E A VIDA

Bandido e belo.
Corajoso.
Músculo.
No mistério das madrugadas
e seus abismos e labirintos
(dizem os mais íntimos),
aos próprios efeminados
revelava
mais delicioso açúcar.
A ternura dos meninos
no aconchego materno.

Cada vez que um homem assassinava
porventura realizava
novo e sinistro ritual de amor.

CASA DAS PALMEIRAS

À Doutora Nise da Silveira, naturalmente.

Também um dia, um tempo,
conheci a demência,
para não ser ou não me sentir
superior aos outros.

Na masmorra da angústia
fui lançado de repente,
para reconhecer
a herança da nossa miséria,
os vínculos fraternos.

O que me falta ainda
para ser humilde?

Nessas horas, nesses anos de tortura,
despossuído de mim,
– Só! –
eu temia
a ausência de um teto,
da proteção das paredes,
de um espaço de paz...

Não sabia que existias,
Casa das Palmeiras,
na Pátria dos sabiás.

Se a doença voltar,
se a loucura voltar,
não me feches tuas portas,
ó casa materna,

útero alcatifado de minha mãe.
Acolhe-me caridosamente,
deixa-me viver os últimos dias
na companhia
dos meus irmãos mais simples.
Os renegados.
Os bem-aventurados.

Que eu fique com eles
em convívio amoroso,
até que chegue o sono
em que a poesia acaba.

EPISÓDIO

No quarto vulgar,
despiu-se todo
para o ato amoroso.

Chegou mesmo
a tirar as meias.

Essa atitude dispensável
humanizou-me o olhar.
Nela descobri
um toque de consideração e elegância.

LEMBRANÇA DE MÁRIO DE ANDRADE

Também eu fui ao FRANCISCANO
ver o Mestre.

E, como ele, bebi
o ritual copo de chope.

Ouvi. Sua conversa
polvilhava de meteoros
música de câmara.

Mal sabia eu,
na noite úmida, paulistana,
no ambiente vulgar
de cervejaria,
que estava vivendo
um instante de eternidade.

OS BOMBONS DA LEONESA

Após o duro dia de trabalho
na oficina mecânica,
lavado e depois da janta,
meu pai saía à noite.
la conversar
com os sócios, colegas e fregueses,
no café A LEONESA
do largo do Rosário,
onde toda a gente se encontrava em Santos.
A vida era mais social e humana
naquele tempo.
E da LEONESA, que era também confeitaria,
Papai me trazia bombons de chocolate
com licor,
deliciosos.
Mas o que mais me seduzia nos bombons
era o seu invólucro
de papel prateado.
De diversas cores,
sempre rebrilhantes,
eles me deslumbravam.
Provocavam a minha fantasia,
a vocação para a Arte,
que porventura
havia em mim, em germe.
De manhã, ao deparar com o presente imprevisto,
sobre a cama,
ficava cheio de contentamento.
Hoje, velho, penso ainda na LEONESA e seus bombons.
Guardo mágoas de meu pai, difíceis de apagar.

O raciocínio e a generosidade
insistem pelo perdão,
de que me defendo,
com a força de um instinto.
Mas penso nele com ternura,
ao evocar os bombons da LEONESA.
Não pelo chocolate saboroso,
nem pelo papel brilhante e colorido.
Mas porque o costumeiro presente
parecia revelar um pensamento amável,
a terna lembrança de meu pai por mim,
ser insignificante,
no meio das distrações numerosas da cidade.

Então, num túnel escuro,
uma luz alvíssima cai sobre mim
e me transfigura e redime.

PERGUNTAS

Por que sempre somos levados
a, desviantes, matar o tempo?
Por que não vivemos o presente
até ao seu modo mais extremo?

Por que será preciso sempre
de, inconstantes, nos distrairmos
e, escravos do étimo, escapando
da via reta por onde íamos?

Por que não seguimos o roteiro
até o fim, às fezes, ao fundo,
e lá chegamos, ao preço da vida,
plenos, triunfais defuntos?

VOCAÇÃO

A Tito Iglésias

Uma vocação,
subsidiária naturalmente,
mas que decerto tenho,
é a de camareiro de hotel.
Desejaria passar os dias
percorrendo longos, atapetados e silenciosos
corredores,
entrar nos quartos,
quando os hóspedes já se tivessem retirado,
lidar com pilha de lençóis e toalhas,
ainda com o cheiro úmido da lavanderia
na rouparia solitária,
ouvir o terrincar de xícaras na copa...

E ao crepúsculo,
do alto de uma janela,
contemplar a cidade
neutra, alheia, distante.

Às vezes também descobrir,
no centro alvo de um leito,
uma estrela de esperma, a dar notícia de apaixonada cópula,
de que não participamos.

ESTE VELHO CÃO

Este velho cão,
que me acompanha sempre,
contra a minha resistência.
Este velho cão
que se esconde
debaixo da minha pele.
Ele uiva até nas noites estreladas.

O luar o alucina.
Pergunto-me tantas vezes:
“Por que o suporto?”
E me respondo:
“É porque ele é meu inimigo
mas é eu próprio.”
Devo suportar
a dolorosa rotina
com este velho cão.
Até que um dia
os meus olhos se fechem,
depois de oscilarem
entre a morte e o sonho.

ENVELHECER

Envelheci
como as árvores
envelhecem.
(Que saudades de ti, Olavo Bilac!)

Envelheci
como até a terra envelhece.
Como, talvez, as rochas envelheçam.
Embora isto leve séculos, milênios.

Envelheci
como as mulheres belas
envelhecem.
E vão depois, agônicas,
tentar a recuperação da beleza
– magia do Pitanguy.

Envelhecemos todos
e isto faz parte da Natureza
como o sol, as estrelas, o mar...
Os pássaros, decerto, também envelhecem.
Vivemos o efêmero
sonhando um presente eterno.
Mas tapete movente,
imperceptível, silenciosamente,
vai nos levando...

Para onde?

Afinal, envelhecer é tão natural!
Não há vergonha, fracasso,
infortúnio,
em envelhecer.

As folhas caem.
A queda da maçã
proclama que a terra
é fecundada.
Que o momento da mudança,
da despedida,
seja doce e breve!
Como o sol aparece
– suavemente.
Como um beijo apaixonado
que desabrocha e logo se desfolha.

NO CAIS, EM NOVA IORQUE

No inverno de Nova Iorque
no exílio,
longe do que é natal
e íntimo,
próprio e reconfortante,
em algumas noites soturnas,
fui a restaurante galego,
na beira do cais.
Meu paladar, então, matava saudades
da herança latina,
do peixe assado,
nadando lustroso
em azeite ibérico,
salpicado de salsa.

Mas nem só nisto
se resumia
a alegria reencontrada.
Também uns copos de vinho celeste
me devolviam
os sonhos reais.

Nu, numa praia ensolarada,
eu recuperava
volúpia profunda:
as raízes do meu ser.

INVASÕES

A Darcy Ribeiro

O país é tão vasto
mas o seu povo
não tem onde morar.
Sua gente se aterra
porque não tem terra!
Não há terra
onde essa planta
– o homem –
possa vicejar.
O Brasil
é que quase-continente
que cospe ou vomita
a sua gente.
Temos bandeira,
soldados e hino nacional,
mas não possuímos
um chão
com coração
que abrigue o marginal...
Posto à margem,
Jeca Tatu,
o infeliz,
vê a vargem
como miragem.
Não pertence ao país.
O brasileiro
é cupim,
a que nunca se diz “sim”.
E o nosso não
quer dizer sempre

expulsão.
E o homem-rato
resiste,
intrépido,
em invasão.
Mas toda invasão
gera nova expulsão.
E nenhum presidente
dá a solução.
É letra morta (ou parva)
a Constituição.
Povo é palavra
só para comício.
Finda a eleição,
prosegue o sacrifício.
Sim, a cada invasão
sucede uma expulsão
e o povo vai sempre
lançado para a frente
como lixo.
O indigente
que não é gente.
É bicho.
Só dado estatístico
na contagem,
para depois ficar à margem.
Ouves agora
os tiros, o bélico impropério?
É o latifúndio “coronel”,
com o seu fel,
impondo o seu império...
Acaso chegou, pérfido,
o invasor estrangeiro?

Não. É um brasileiro
esmagando outro brasileiro.
Essa gente caída,
sofrida,
destemida,
não dá pena de ver?
Presta atenção
com emoção:
é o povo brasileiro
recusando-se a morrer...

PROVAÇÃO DOS PAUS-DE-ARARA

A José Pereira, paraibano

Quem matou na madrugada,
com peixeira,
para, em sangue palpitante,
lavar a honra bêbeda?

Foi o pau-de-arara!

Quem fumou a diamba,
que, generosa,
concede sonhos ricos
aos pobres que dormem
nos barracões,
construtores dos arranha-céus?

Foi o pau-de-arara!

Quem, embriagado pela propaganda,
se empenhou no crediário,
comprando jaqueta de couro,
óculos escuros,
televisão em cores,
discos de rock
(grunhidos ininteligíveis),
e, por fim,
fugiu inadimplente,
perdendo o emprego seguro?

Foi o pau-de-arara!

Quem caiu do viaduto
em construção
quem escorregou do andaime
do décimo-quinto andar
e veio espalhar sangue
pródigo,
a carne esfacelada,
no chão duro, indiferente?

Foi o pau-de-arara! Foi o pau-de-arara!
[Foi o pau-de-arara!

Ó Senhor!
Concede que este poema
seja a áspera verônica,
o tosco pano,
em que se imprima,
de imediato,
a face dolorosa e sangrenta
do Cristo Nordestino!

A SERENIDADE DO FIM

A Juvenal Alvarenga Jr.

Às vezes, bonitos rapazes
olham-me, com entendimento.
Disponíveis.
Sorrio, com simpatia,
e sigo, sereno, o meu caminho.

O sexo passou por mim
como trem possante,
mas, depois de longo percurso,
desapareceu numa curva.

Estou satisfeito
com a minha tranquila velhice,
como se repousasse num jardim.

ODE A OSCAR NIEMEYER

A Athos Bulcão

A arquitetura extraordinária
de Niemeyer
(e admito as críticas
que se lhe fizeram
ou venham a fazer)
é apenas um minúsculo visor,
olho mágico de apartamento,
que nos permite
– a nós, leigos –
contemplar
numa perspectiva reduzida
mas global,
o espírito verídico,
o caráter inteiriço,
desse homem de ferro e cimento armado,
mas que não repele
as sinuosidades verdes das ondas,
as delicadezas do rococó,
a estética graciosa,
mal compreendida
(como ele, às vezes),
homem múltiplo,
gênio inconstante,
como os seus mestres renascentistas,
milionário singelo,
comunista por compromisso com o fraterno,
que sentimos pródigo,
neste mundo de indigência,
neste deserto de colossos,
em que os últimos mitos

são os da propaganda e os da droga,
como coluna
sustentáculo,
pai, irmão, amante,
em Brasília,
no Brasil,
entre os nossos patrícios
desamparados,
enganados e
explorados, e aguardando
aquela promessa de Brasil
do pão certo,
da terra possuída,
da casa construída,
e até do cemitério igualitário dos ancestrais
em que (oh! doçura!)
nos converteremos
em terra da nossa terra!

A FACULDADE DE LETRAS DE ASSIS

O professor Carrato gostava
da palavra *fementida*
(que ficou a calhar
num dos meus poemas).
Donjuanesco
(e se acreditava talhado
para a vida sacerdotal!),
em seus relatos decameronescos
tinha maneiras especialíssimas
de expressão, como esta:
“A mulher chegou-se a mim
mansa...”
E o adjetivo era perpassado
por uma inflexão erótica!

Morejón, de Salamanca,
Mestre de estilística espanhola
gostava do termo “transcendental”.
Uma vez, exarou severo:
“Não gosto de rumbas.
Que música sem transcendência”!
Mas seria capaz de dançar rumbas
uma noite inteira,
se houvesse oportunidade!

Antonio Candido,
com infinita paciência,
sorria para todos nós,
modestamente
escondendo o seu diamante.

Lázaro sofria
não com os filhos,
mas por causa
do suicídio de Pavese.

Quanto a mim,
me preocupava o tempo todo
com Thomas Wolfe (neurótico de quebrar pedra!),
cuja vida sabia de cor e salteado,
e que, de certo modo, também se suicidou.
Persegui-o até o seu túmulo
numa fria manhã em Asheville
(North Carolina).

Jorge de Sena,
com oito ou nove filhos,
não me lembro bem,
ainda tinha tempo
para ler, traduzir e interpretar
centenas de volumes de poetas:
vitorianos ingleses,
renascentistas lusos e italianos
e até um pederasta de Alexandria

Houve horas más, sem dúvida.
Principalmente de confusão e neurose.
Mas, já quarentão,
encontrei lá
qualquer coisa
com o sabor de mocidade.
A terra inculta fazia-nos sentir
a alegria dos povoadores, dos pioneiros.

Nada se perdeu.
Apenas o tempo físico,
naturalmente efêmero.
A semente germina
regada pelo nosso suor.

A cada um de nós
(amigos ou opositores)
desprendidamente
formou um raio de estrela,
sobre o solo fecundo
– eterno.

TEMA DE DRUMMOND

Guarda teus pensamentos,
originais que sejam.
Não o ofereça à Poesia.
Teu projeto político
é harmonioso:
limpa arquitetura.
Conserva distante
da Poesia.
E até teu amor, tua raiva...
prefere a confiança ao amigo
(se o tiveres),
por certo consoladora.
A Poesia é susceptível demais.
Afeta-a, como inconveniência,
qualquer interesse
que lhe não seja próprio.
A Poesia retrai-se
a nossa intimidade carnal.
Ela apenas,
com olhos cegos, mais imortais,
nos aponta
a Beleza serena e imperecível
que, em seu universo-diamante,
deve, para nós,
simplesmente significar
nostalgia e rigor.

FIM DE ANO

Agora, raramente faço versos.
Contudo,
nunca senti tanto, em mim, a Poesia!
Atento,
observo a Natureza,
de-ti-da-men-te,
e uma comunicação
logo se estabelece
– empática,
mágica

Passeio o olhar
por árvores,
plantas,
flores,
folhas,
profundamente,
e uma relação
surge espontânea
– e dual, franca.

Deveria ter sido um botânico
em vez de poeta?

Neste verde enleio,
às vezes choro
de um contentamento
inexplicável.

Aceito, agradecido,
a solidão
como apoteose.

AMOR E MORTE

Poucos dias
antes de morrer,
imprevistamente,
convidou-me:
“Vamos até lá!”

Referia-se à minha casa
e queria decerto repetir
o ato amoroso – único! –,
de muitos anos atrás.

Desculpei-me,
adiei, como tantas vezes
na minha vida.

Dias depois, soube que morrera.
Lamentei, então,
ter perdido
essa hora de amor,
última, poderosa,
com o sabor incestuoso da morte.

A CAMPAINHA

Quantas vezes,
de madrugada,
levantei-me
ao toque da campainha!

O corpo repousado
estava disposto
para o amor.
Abri a porta,
com um sorriso.
Logo,
desnudados,
os corpos inquietos,
excitados
pelo seu imaginário,
mergulhávamos
no mar dos lençóis.

Juntos, nadando,
buscávamos,
intensos,
a voluptuosa flor.

ANTE UM RETRATO

Teu olhar adivinha
condores estrelas?

Que sonho orgânico,
profético,
revelas as pupilas, na bela e luminosa
face contraída?

Não sou teu camarada,
mas compreendo
O teu idioma bolívar.

Teus cabelos resistem
ao húmus, aos gusanos, aos ditadores.

Crianças dormem
sobre o musgo de tua barba.

Tua boina fantasmal
perturba
sonhos inexplicavelmente tranquilos.

MOCIDADE

A Andreza

Mocidade!
tuas dez mil bandeiras desfraldadas!
tua carne de pétalas de rosa,
teu grito solar, tua beleza matinal,
tua alegria estrelada,
tua simpática arrogância,
tua altivez tímida.
Perdi-te em mim,
no vórtice das rugas.
Mas, hoje, te reencontro
nas avenidas, nas praças,
nas ruas, nos estádios,
nos cinemas,
apresentando, descuidada,
no ritmo sensual de onda
do teu andar.
A incomparável flor.

ILUSIONISMO

Subo à torre de Hemingway,
muito alta,
e, de lá avisto,
bem ao longe,
a cidade de Havana.

Paisagem maravilhosa!

Depois, pela janela,
olho o interior da sala:
a mesa do escritor
e, sobre a mesa,
a caneta mágica...

Que serenidade!
Que ambiente tão fresco
e estimulante!

Tenho a impressão
de que, se me abrissem a porta,
eu lá entraria,
sentar-me-ia à mesa,
pegaria a reverenciada caneta
e, profundamente inspirado,
escreveria um soneto imortal!

HEMINGWAY E SEUS GATOS

Depois de percorrer
a casa do célebre escritor,
no amplo jardim,
surpreso,
detenho-me ante quatro túmulos.
Ali fora foram sepultados
seus quatro bichanos de estimação.
Black,
Negrita,
Linda e
Neron.

Comovo-me.

Antes, nada me deu
um vislumbre tão grande
da singular afetividade do romancista,
do que seu amor aos gatos.
Aos seus gatos.

Só esta afeição aos felinos,
penso,
será capaz de salvá-lo
no Julgamento Final.

Imagino
Hemingway, entrando triunfalmente
no Reino dos Céus,
seguido por seus quatro gatos.

PALAVRAS FINAIS

Posso perdoar
a estupidez dos outros?
Posso perdoar
a minha própria estupidez,
a mais dificilmente perdoável?

Ah! Senhor!
Dá-me ainda um dia
– um dia com uma longa tarde,
em que eu possa amar,
de maneira absoluta,
o trabalho.
Permite
que o ame
com a intensa paixão,
que não dediquei ao amor,
na mocidade devoluta.

Depois, prometo ser dócil
e aceitar o imperdoável tributo,
o fim da vida,
o fim do mundo,
o apocalipse,
na tranquila chávena,
sobre o criado-mudo.

6

POEMAS
INÉDITOS
E VARIANTES
(2015)

CANTIGA PARA RIBEIRO COUTO

A Elvia Bezerra

Meu amigo morto,
por onde andar?
Deve estar junto ao porto,
no cais do Paquetá!

Correu longes terras,
mas afinal voltou,
vistas as paisagens,
que infante sonhou.

Que importa o seu povo
não o reconheça
e os seus versos sensíveis
até desconheça?

 gente fria,
Couto absolver,
já voltou a Santos,
ao cais do Paquetá!

PAJUÇARA

Esta antiquada máquina
do corpo,
em que se gravaram
manchas escuras.
Ela olha o mar pluriverde
de Pajuçara
este festival
de cores e espumas.
Ele continuará
quando eu tiver ido
e não guardará
lembança
do nosso breve convívio
(eu também esqueci
tanto e tantos
– até amores
deliciosos e momentâneos!)

Quando eu me for
de maneira total,
absoluta,
as ondas sussurrantes
continuarão a sua dança
imortal.
Outros homens
estarão no meu lugar,
sentados no mesmo branco;
nem saberão,
mas estarão usufruindo
algo,

que embora longinquamente
é também meu,

O legado humano.

PARTO SEM ANGÚSTIA

Parto sem angústia
porque perdi o gosto.
Deixo-te o legado
de um mundo morto.

Na noite quente,
o bosque está vazio.
Como se sofrêssemos
a estação do frio.

E nele houve faunos
em mil jogos eróticos,
em que se preferiram
torneios
homoeróticos.

A SALA DE ESPERA DO CONSULTÓRIO

A sala de espera
é um compartimento
de anódino cinza.

Pessoas enfermas
sentam-se nos sofás
com ar amarfanhado ou
em dorida expectativa.

O relógio, com muita
lentidão, arrasta,
num espaço difícil,
os ponteiros.
Como nos Tribunais:
condenação ou liberdade?

Lá fora a vida
de alegria
mistura gelatinosa
e indiferença.

BRASÍLIA COMO DESTINO

Santista
aos vinte anos, conheci o Rio.
Fiquei deslumbrado,
seduzido
– as qualidades de Santos
se apequenaram
diante do Rio.
Fiz, então, decidido, um projeto de vida:
ir morar no Rio,
degustar o Rio,
voluptuosamente.

O destino, no seu mistério
insondável,
levou-me para outras partes:
até para o estrangeiro fui.
Mas nunca cheguei
a morar no Rio.

Nem ao convite generoso
de José Olympio,
pude atender.
Tudo mudou nos últimos
anos
embora o Rio
continue lindo...

Não demorarei
a completar 30 anos
de vida,

em Brasília...

Aqui, tenho vivido,

aqui ficarei.

Aceito a aspereza do
cerrado.

E contemplo, reconhecido,

o céu azul, tão azul,

com especial prazer.

Felizes os que, como eu,

se contentam com pouco

e agradecem o que lhe

chegou às mãos,

como prêmio.

CONFIDENCIAL

Eu mesmo fiz minha felicidade
porque, no ato da distribuição,
Deus passou entretido com os seu anjos...
e esqueceu-se de dar a razão...

Criei também o meu heroísmo
porque na escuridão, pátria do Medo,
não vi sinal de companheiro,
Apenas, um inimigo: o Segredo.

O que não consegui foi ser como os outros.
Isso não consegui infelizmente.
Mas ao fim houve compensação:
o dorido invento da resignação:
para o mal sem cura de ser diferente.

ALEGRIA

Desci aos infernos
e, no ergástulo da solidão,
penei longamente.

Mas quis Deus (ou o destino?)
que me elevasse
à superfície dos homens
para sentir ainda uma vez
o júbilo de viver.

Sei que vou morrer...
Afinal,
fato tão natural.
Mas que importa
se sinto, neste momento,
dentro d´alma o bimbalar vigoroso
dos últimos sinos de Natal?

PALAVRAS À CIDADE LIVRE HOJE NÚCLEO BANDEIRANTE

Há vinte anos, quando aqui cheguei
no Planalto Central,
em Brasília, ainda encontrei
intacta, na tua verdade pioneira,
na tua realidade rude, mas fecunda:
áspera imagem
do “far west” brasileiro,
e Cidade Livre!
Livre! Haverá adjetivo
com mais oxigênio e glória?
Tuas ruas comprimidas
de rústicos chalés,
Barracos-bares.
Lojas atulhadas de mercadorias
em improvisadas armações,
o lôbrego, úmido mercado,
contudo,
tão cheio de mercadorias
e sombrio pitoresco,
o restaurante original, com culinária selvagem,
que ostentava
todas as carnes de caça do Brasil...
até carne de jacaré ou de cobra...
Hoje estás mudada.
Desvestiste-te o traje,
semi-bárbaro,
e te mostraste garrida e urbana
– mais que urbana, moderna.
Lojas simpáticas, bamgalões confortáveis –

com a toilette higiênica e pálida
da civilização!

Estais destinada ao Progresso:
à sorte que não pára.

Que traz todos os parentes
Felizes,
e dialeticamente
também o seu oposto.

ANTE A BANDEIRA NACIONAL

Eis que de repente,
no terraço do aeroporto,
deparo com a bandeira!
Há quanto tempo
não a via
(de certo não a notava).
Vejo como tremula
na brisa da manhã
radiosa,
brasileira.
A bandeira representa
esta manhã.
É mesmo verde
como as nossas matas.
O amarelo é o ouro
dos bandeirantes
e da Serra Pelada...
E é também o nosso sol:
Tanta luz...
E o globo azul
mostra-nos o nosso céu
e numerosas estrelas.
O lema Ordem e Progresso,
parece-me um pouco cafona.
Mas, enquanto tremulas nos mastros,
oferecendo-nos a Terra
imagem suave e sugestiva,
trabalharemos,
estudaremos,
escreveremos,

lutaremos,
e, pouco a pouco,
iremos alcançar
a ordem sem arbítrio
o progresso sem destrutivismo,
e então o
povo se terá transformado
na própria bandeira.
E então, nem precisos mais
serão mastros nem bandeiras
nós seremos a própria
bandeira,
encarnando florestas
minérios, céu azul, estrelas
não haverá
mais
separação entre
nós a pátria,
eucaristicamente.
A pátria estará em nós!
Mas, enfim, vale como aspiração.
Nunca tivemos muita
ordem nem muito
progresso,
mas estamos confiantes.
Amei-te neste momento
bandeira
democrática,
que nos cobre, nos vela
nos impulsiona,
para as novas abolições
(a Reforma agrária
é a principal delas),

para o destino
de fraternidade,
que é o alvo de nossa Pátria!
Ah! o povo, o nosso povo,
ainda será muitas
vezes traído,
explorado,
vilipendiado,
pelos monopolista do patriotismo,
pela santarrona respeitabilidade
dos ministros da justiça,
pelos deputados,
pelos senadores,
pelos delegados de polícia.

POEMAS PARA O PAI

Nunca entendi as caipirinhas
que tomavas,
com fiel renitência,
indiferente às precações médicas.

Os bombons chegavam de
madrugada da
Leoneza (Irmãos Florez),
e como que traziam
notícia do grande café, na noite equívoca
com seus cidadão
representativos,
homens da noite,
cocotes, o tilintar
do Politeama
vedando a
entrada (ao Paraíso
cinematográfico),
com uma fileira de
varões de metal dourado
que até cintila na minha memória.

Os bombons
desfaziam-se
em licor
seus envoltórios
em papel brilhante
de variadas
cores,
nuançadas

eram
uma homenagem
muda, significavam
um lembrar de mim,
na noite urbana,
ambígua.

QUERO DEIXAR UMA

palavra viva
perene,
rumorosa

que esse
girofê sonoro
não apenas
dê notícias de
mim
mas
incite, perturbe,
interrogue

Trevo fonético
mensagem se bem que obscura
não se imobilize horizontal
– como eu
que ficarei indiferente
a tudo (alegrias ou
dores),
imerso no sono das
Pedras. Perdoe minha ausência

eram
uma homenagem
muda, significavam
um lembrar de mim,
na noite urbana,
ambígua.

QUERO DEIXAR UMA

palavra viva
perene,
rumoiosa

que esse
girofê sonoro
não apenas
dê notícias de
mim
mas
incite, perturbe,
interrogue

Trevo fonético
mensagem se bem que obscura
não se imobilize horizontal
– como eu
que ficarei indiferente
a tudo (alegrias ou
dores),
imerso no sono das
Pedras. Perdoe minha ausência

PERGUNTAS

*Poema dedicado a minha ex-aluna
MEIRELUCE por ocasião do seu aniversário.*

Por que não te detiveste
um pouco mais
na penumbra do meu retiro?

Por que não retornaste,
ao menos uma vez,
para me dizer “alô”?

Ter-te-ei apenas mostrado
meu lado
mais exterior,
o meu aspecto mais prosaico,
mais cru

Não notaste
a mescla de humildade e sonho
que havia em mim?

Serei por ventura, culpado
de tua distração?

Percebeste, a caso,
o harpejo dolorido do vento
nas casuarinas?

CERTA MADRUGADA,

algo me aconteceu.
Acordei
e certo r.
com que nunca tivera nada,
e que acidentalmente,
encostou discret,
o a. no p. sugerindo ocasional

...

Infortunadamente
meu sexo estava mortiço,
imóvel.
O inesperado e tão amável convite
ficou sem resposta.
Pobre r.!

Tantos anos passaram.
Quando minhas cinzas
estiverem no seio da Terra,
não vos proclameis
uma vida realizada
Completa.
Alguma coisa estará faltando.

POR QUE

não ficam eles
simplesmente
com o karatê,
as motos,

ou que esse irresponsável anarquismo,
(não o velho, o sério anarquismo italiano)
mas esse que é uma espécie
de poliomielite
do comunismo?

Não sou traumatologista,
apesar dos traumas.

Eu amo demais
a literatura
para ser o bom professor
que eles querem.

Eles que provem
mas com as suas vidas

o que eu, vivendo,
já tão longamente,
provei.

Tudo que falei
vivi.
E por isso prefiro
ouvir a confiança
dos mortos (mortos?)

do que o slogan
rançoso
dos vivos.

Ninguém me poderá arrancar
esse território imaginário,
essa ilha sensível
da Beleza
em que me isolo do humano,
por fidelidade ao Humano.

E SE NÃO PODES VIVER

conforme o teu desejo,
a tua exigência,
faze ao menos o possível
para não te rebaixares
nos teus contactos com o mundo,
nos teus procedimentos e conversas.

Não te degrades
com perseguições, lisonjas ou
brigas.

Despreza as promoções
que te surgirem
do parva quotidiano.

Concorre para que tudo isso
se minimize
a tal ponto,
que fique parecendo
pedrinha importuna
de um moleque mendigo.

MENINO JUDEU EM AUSCHWITZ

Vi-o muito bem
aquele menino judeu
que estava ali esperando
que se abrissem
os fornos crematórios de Auschwitz.
Vi-o muito bem...
Teria doze anos,
a mesma idade em que Cristo
escapou de casa
para discutir com os doutores.
Pode ser até que aquele menino
fosse o próprio Cristo...
O homem que todos nós sacrificamos.

NO BRASIL, a situação econômica está tão ruim que um mendigo já pede esmola a outro mendigo.

Há tempos, diziam que era tara, hoje, proclamam que é preferência nacional.

(in ½ capa de talão do cheque ouro.)

ACARECIA TEU CÂNCER, que te destrói.

Ele é tão natureza
como a orquídea
que enfeita
tua sala,

Despreza o nobre cemitério
propagandeado
como um shopping.

Mas que teu pó
adube um pedaço de
chão.

Devemos ser úteis
até mesmo na morte.

E seria tão bom
se ele pudesse ficar
em teu minúsculo jardim,
que, por tantos anos,
contemplaste!

Seria uma forma
de, na morte, continuares fiel ao que foste, em tua vida.

7

GRAFITOS NAS
NUVENS

(1992)

A POESIA DE CASSIANO NUNES

Your lyric poems of past years are delicate, unequalled in their musicality: nostalgic and inviting, with a symbolism ever so much your own. The new ones are direct, powerful, full of compassion for the beautiful country that you and its suffering inhabitants live in: Also they are frank and honest in their expression of your eroticism. I cite for example lines from certos versos de *Versos Íntimos* (aliás, uma coleção que surpreende pela sua insólita beleza).

Opinião do conhecido “Brazilianist”

Professor Raymond S. Sayers.

EIS, AFINAL, UM GRAFITEIRO QUE NÃO POLUI NOSSAS RUAS

Veríssimo de Melo

Fenômeno estranho ocorre, nos últimos anos, pelas principais cidades brasileiras: indivíduos anônimos vêm sujando, criminosamente, paredes de prédios públicos, particulares, muros, ruas inteiras – onde quer que surjam espaços disponíveis – com absurdas garatujas.

O que significariam esses grafitos malucos? Algum protesto político? Mas, contra quem? Por quê? Ninguém sabe. Ninguém os explicam. Seriam apenas mensagens à-toas de desocupados? Ou seriam alguma forma de manifestação artística? Também os nossos índios do passado, pelo país afora, encheram rochas de grafitos: são as inscrições rupestres. Manifestações autênticas dos indígenas, nas quais, além de signos de belíssima concepção estética, percebem-se figuras humanas estilizadas, animais e plantas. Antônio Bento, no ensaio *Abstração na Arte dos Índios Brasileiros* (Spala Editora, Rio, 1979) nos deu capítulo modelar e definitivo sobre o tema. Inscrições ou grafitos de índios que são puras manifestações de arte – para certos intérpretes – como, para outros, podem ser “sinais do caminhante.” Serviriam de ajuda dos que demandavam o alto sertão ainda sem estradas. Mas, no caso dos grafitos nas ruas brasileiras – ao que pudemos conceber – não existem ainda explicações plausíveis. Permanece o mistério idiota. Parecem ser mesmo manifestações de debilóides.

Entre os grafiteiros, lúcidos, conhecemos apenas um deles que escreve – não nas ruas – mas nas nuvens que passam. Com a vantagem de que essas manifestações não poluem. Pelo contrário, são mensagens inteligentes de finíssimo bom humor, aliadas a observações de sabedoria

de experiência feita. Queremos nos referir aos *Grafitos nas Nuvens*, do escritor e poeta Cassiano Nunes, de que o *Correio Braziliense* acaba de publicar alguns em sua edição de 1.7.91. Vejam estes onde predomina o toque de humor ao lado de acentuado sentido crítico e político:

“A grande sublevação não será provocada pelo comunismo, mas, sim, pelo consumismo.”

“Vejo tantos miseráveis por toda parte que dispenso as estatísticas...”

“Não haveria tanto desejo por milagre se houvesse melhor assistência médica.”

“Quantas guerrilhas poderiam ter sido ganhas na madrugada de bar!”

ou estes grafitos do humorista ou do esteta experiente:

“O homem comum pergunta: o que vou levar do mundo? O homem excepcional interroga-se: o que vou legar ao mundo?”

“O amor e a amizade sem reciprocidade são o mesmo que jogar pingue-pongue sozinho...”

“Todas as sátiras tendem ao excesso, daí talvez a raridade das sátiras que são verdadeiras obras de arte.”

“Os poetas escrevem muito sobre a solidão, esquecendo talvez que a poesia é uma forma de convívio.”

“Mesmo um grande homem pode ser um megalomaniaco se pretende ser maior do que realmente é.”

“Educação é algo mais do que reconhecer os talheres do peixe.”

E por aí vão os *Grafitos nas Nuvens* de Cassiano Nunes – sementes de reflexões de que as nossas ruas deveriam sempre estar cheias – como forma de conhecimento e sabedoria de que tanto carecem os homens do povo. E não daqueles outros, sobre os quais o próprio Cassiano os definiu de forma genial: “Os grafitos que poluem as paredes das cidades nascem da ânsia de criatividade dos idiotas.”

GRAFITOS NAS NUVENS

Uma contestação, que não se contesta também a si mesma, não passa, na verdade, de um conformismo.

A arte nos restitui o que a vida nos roubou.

O discurso liberal brasileiro fala muito em povo, mas nele o povo sempre é uma abstração. Não tem carne nem ossos.

O melhor abolicionista brasileiro foi o imperialismo inglês.

Os patriotas, se não morrem pela Pátria, passam a viver à custa dela.

Os jovens radicais são aprendizes de tiranos.

Em Arte, a preocupação pelo orgânico deve superar o interesse pelo experimental.

A glória mentirosa das condecorações...

Os grafitos, que poluem as paredes das cidades, expressam a ânsia de criatividade dos idiotas.

O comando Vermelho é o outro lado da injustiça.

Não entendo porque há tanta curiosidade em torno do sexo. Afinal, é algo com possibilidades bastante limitadas.

Morreu o comunismo. De que irá viver agora o anticomunismo?

Nunca vi um manifesto de pais de família protestando contra a mediocridade.

A Cultura dá poucas respostas mas, em compensação, nos ensina a fazer perguntas.

Houve, alguma vez, uma ditadura sem apoio militar?

Os latifundiários são ótimos cristãos. É verdade que, de vez em quando, mandam matar um padre. Mas, afinal de contas, ninguém é perfeito.

Quando os capitalistas fazem, diante de mim, o elogio do capitalismo, não posso deixar de pensar em agentes funerários a recomendar-me um enterro de primeira classe... Evidentemente, o seu lucro não é o meu lucro.

No Brasil, os milionários criminosos só não podem evitar uma penalidade: a conta do advogado.

Já li muitos estudos supostamente científicos sobre o **kitsch** que também não passavam de **kitsch**.

Leio; logo, aprendo.

As elites brasileiras não perdem o sono porque há meninos dormindo na rua.

A arte é, para mim, um ato de amor e, portanto, jamais competitivo.

Um grande escritor deve muito a seus colegas menores. A baleia alimenta-se de peixinhos.

A arte autêntica é ambivalente. Ao mesmo tempo que oferece o prazer, transmite a inquietação.

O verdadeiro heroísmo é a santidade.

Há vocações para o casamento como as há para o fagote.

Amo na Arte o que nela existe de sonho dirigido.

A Arte maior não é a que nasce do protesto mas, sim, a que propõe a reconciliação.

Uma boa aula deve ser fascinante como um show de alto nível.

A poesia nunca rendeu dinheiro, é verdade, mas, em compensação, nunca foi causa de úlceras.

O principal objetivo dos meios de comunicação, no Brasil, é transformar os ignorantes em idiotas

A literatura é como o balé. Quem deseja voar no palco necessita antes fazer muitos exercícios físicos. A ginástica do candidato a escritor é a leitura séria.

Alguns jovens presunçosos prometem obras-primas surpre-
endentes. Infelizmente, em futuro muito distante...

*Política brasileira. De vez em quando, mudam os médicos,
mas o câncer continua...*

Cada um tem a religião que merece.

Certos deputados protestantes curiosamente não protestam.

Os governantes insistem em discursos, planos, manifestos...
Todas as palavras já foram ditas. Basta! Agora esperamos os
fatos.

*País estranho o Brasil em que a miséria se confunde com o
folclore. Desprovido de qualquer assistência social, o cego
nordestino canta uma toada tão linda que nos faz chorar...*

A ditadura promete a ordem mas, na verdade, congela a
anarquia.

*O sexo é uma forma de comunicação e que deve ser a mais
íntima, a mais verdadeira.*

Muita comunicação impede a reflexão.

Na alcova, com as portas fechadas, impera uma outra moral.

Governo forte é aspiração de povos fracos.
*O liberalismo, no Brasil, nunca passou de um conservadoris-
mo, cheio de palavras vagas e abstratas, alheias ao prato de
arroz e feijão cotidiano.*

O que antes se chamava impostura, hoje, chama-se *marketing*.

Revoltar-nos não é bastante. Temos que nos revoltar, sim, mas por algo melhor.

Num país dominado pela miséria, a justiça pode ser levada a sério?

Quando um falso amigo me dá um prejuízo e desaparece, acabo achando que ainda ganhei alguma coisa.

Não me interesso pela cultura sem generosidade.

A reação defende propriedades materiais, baseada sempre em valores do Espírito. Não vejo ninguém defender as famílias brasileiras que moram nas calçadas, junto das sarjetas. De certo, é porque não há propriedade a defender...

O mal de alguns escritores que escrevem diários é que começam a imaginar que já são estátuas.

Os roqueiros são rebeldes profissionais, gordamente pagos pelas multinacionais.

As classes dirigentes, entre nós, dirigem realmente muito bem... os seus interesses pessoais.

Nas recordações da velhice, mais do que aconteceu faz-nos sofrer o que ainda não aconteceu...

A espontaneidade em Arte nunca deve ser tão completa que se pareça com a diarreia.

Não há uma estética só para proletários do mesmo modo que

não há uma matemática só para loucos.

De que vale a capacidade de admiração a quem não possui uma escala de valores?

Em Arte, o que busco não é a descrição do fato mas, sim, as nuances criadas pelo artista.

Amor ou amizade sem reciprocidade é o mesmo que jogar pingue-pongue sozinho.

Haverá, porventura, sempre uma Teologia ilustrada, conceituada, capaz de justificar a escravidão negra, a amarela e a branca também.

Um jogo de futebol, mesmo o mais amistoso, coloca um quadro de jogadores contra o outro. Mas, ao ouvirmos uma sinfonia de Beethoven, somos todos do mesmo time.

Arte: o equilíbrio quase impossível entre a inspiração e o rigor.

Não podemos, ao mesmo tempo, ser espertos e sinceros.

O homem comum pergunta: “o que eu vou levar deste mundo?” E o homem excepcional interroga-se: “O que eu vou levar a este mundo?”

O bom artista deve ser o perfeito domador do seu egocentrismo e obrigar esse volumoso elefante a dançar um delicado minueto.

É sempre agradável, em Arte, descobrir um novo timbre, o idioleto melodioso de uma alma.

O convívio com os animais aprofunda o nosso senso de humanidade. Aspiramos sempre encontrar, nos olhos de um ser humano, a profunda ternura que contemplamos certa vez no olhar de um cão.

O latifúndio é o que nos resta da Escravidão.

Os bêbedos são desvairados, mas sinceros.

Muitas guerrilhas poderiam ter sido ganhas em madrugadas de bar!

Todo passado é mítico.

Quem se dedica intensamente a uma profissão, que é do seu gosto, não precisa mais de procurar a felicidade: já a encontrou.

O amor é o modo daqueles que não são poetas viverem poeticamente.

Todas as sátiras tendem ao excesso, daí a enorme raridade das sátiras que são obras de arte.

Quando eu era jovem, via as coisas. Agora as contemplo.

8

GRAFITOS NAS
NUVENS

(1995)

Os grafitos a seguir foram publicados no *Correio Brasileiro*, na edição de 1.7.1991.

O Brasil aspira ao moderno mas não ousa livrar-se do arcaico.

A natureza tem muita imaginação.

Tendemos ao maniqueísmo mas o mundo se nos impõe dialético.

Hoje é mais rendoso fundar uma religião do que inaugurar uma fábrica.

Um dia, os ingênuos descobrirão que as minorias não são tão mínimas quanto eles pensam.

Os artistas vivem um sonho... mas um sonho útil.

Quando perdemos o respeito pelo outro, perdemos também automaticamente o respeito por nós próprios.

Os videntes adivinham tudo menos as regras de ortografia.

Amo muito o passado mas estou comprometido com o futuro.

Os amigos que têm o mau hábito de pedir livros emprestados também têm o péssimo costume de não devolvê-los.

Muitos são os que desejam ser grandes escritores. Poucos os que desejam ser grandes leitores.

Uma maneira de atacar o Mal é defender, com entusiasmo, o Bem.

A inflação revela a solidariedade na loucura.

O sábio duvida. O louco tem certeza.

No dia em que os meios de comunicação recomendarem à população que coma capim, vão ver que sucesso! Haja capim!

O único lugar em que as mulheres não reivindicaram o seu ingresso foi no mictório dos homens.

O louco é um homem que se leva demasiadamente a sério.

Nas ditaduras, não há esperança e, nas democracias, há esperança, mas só para os nossos netos...

No Brasil, o “bonzinho” é a deformação revoltante do “bom”.

Algumas características brasileiras que são vistas, com bem humorada displicência – como a impontualidade –, não passam de resíduos escravocratas.

O mal de muitos sábios brasileiros é que nos oferecem modelos estrangeiros e ignoram as características específicas de nosso País.

Os trabalhistas querem fazer o bem mas não sabem. Os conservadores sabem fazer o bem mas não querem.

Num país como o nosso, em que a superfície é democrática e os fundamentos são oligárquicos, tudo parece fora do lugar e resulta absurdo como no teatro de besteiro.

Pasolini tinha razão em não acreditar em rebeldes com mesada...

Observação que me ocorre diante de um vídeo-game: como a tecnologia se esforça continuamente para melhor atender aos idiotas!

A inexperiência dos jovens sempre me dá uma impressão de inocência.

Hospedo-me naturalmente num hotel de uma estrela, mas, quando leio um livro de poesia, exijo que mereça ao menos três estrelas!

Não podemos esperar que Deus faça por nós o que nós próprios temos a obrigação de fazer.

Cumprimento um desconhecido que não me responde por que eu sou, para ele, um desconhecido. Ele não sabe que para mim não é um desconhecido, mas, ao contrário, bem conhecido. É um ser humano, um irmão.

9

POEMAS
TRADUZIDOS

(1998)

SEVEN SIDES TO CASSIANO NUNES

Danilo Lôbo

“Artists live out a dream... a useful one, though.”
Cassiano Nunes, *Graffiti in the Clouds*

I met Cassiano Nunes in 1975 when I first came to Brazil's Central Plateau to take up a job at Brasilia University's Language & Literature Institute. I don't remember exactly when we were introduced to each other; I can't even recall whether it happened at a particular time or if we simply began to talk to each other without being formally introduced. All I know is that from that point on, I was to see Cassiano practically every day in the corridors of the University for the next sixteen or seventeen years until his retirement at the beginning of this decade.

The first facet I was to see, then, was that of the colleague. My initial impression of him – one that has become stronger with the passing of the years – was that he was fair, generous, upright and polite. These enduring qualities explain the vast circle of friends he has built up in Brasilia, and the countless close acquaintances he has made up and down the country and in the places abroad where he has lived at one time or another. Today, Cassiano is probably the most well – known and popular intellectual in Brasília, the city he has chosen to make his home, even after his retirement. He is, as the poet Carlos Drummond de Andrade would put it, the perfect “municipal poet”.

Indeed, in recent years many segments of local society have paid tribute to Cassiano Nunes. So it is no surprise that he has become an Honorary Citizen of Brasília, a title recently conferred on him by the Federal District's City Council.

Cassiano is highly sociable and knows how to cultivate friendships. It comes naturally to him, partly because, among other things, he is an engaging conversationalist – a “good chinwag”, as the saying goes.

Cassiano is one of those rare people who always have some precious gem of information to bestow. However trivial the subject, a conversation with him is invariably constructive. Miroel Silveira used to say that Cassiano is one of those individuals who strike you as having read all the books in the world. I would add that the author of *A felicidade pela literatura [Happiness through Literature]* (1983) is someone who strikes you as having met all the great personalities of the century, especially in the world of arts and letters, the fields of knowledge with which he is most familiar. So, when you engage in conversation with him, he dips into his fabulous trove of names and facts drawing up details from the deep well of his prodigious memory. Those who come to Cassiano in search of the water of knowledge never fail to leave with their pitchers brimming.

The second Cassiano I have known is the Professor of Brazilian Literature. I was never one of his pupils, but I have had the good fortune to attend many of the lectures and talks he has given to the most varied audiences, from the most sophisticated to the most unpretentious, from the Brasília Academy of Letters to lowly schools on the outskirts of Brasília. I'm not quite sure what sort of teacher Cassiano is. He considers himself to be fairly unorthodox. It is my belief that this is due to his exceptional culture, far too rich to keep him trussed up in the narrow confines of any didactic framework.

Cassiano reminds me of oriental sages, whose teachings are symbolic and whose words must be understood as palimpsests, their meaning to be culled between the lines of their discourse, not taken at face value. In his lectures he

is often led down sinuous sidetracks, his baffled audience in attendance, and the landscapes he unveils for us are frequently more wondrous and exotic than the plain backdrop afforded by the main road. The journey is unpredictable, yet by his digressions the listener ends up learning as much or more than he would had he stuck to the route plotted at the outset.

The third Cassiano I have come to know is the essayist. Over the years, his closer friends have been regaled with a wealth of studies and essays which, from time to time and often unannounced, he pops into their cubbyholes and mailboxes like some out-of-season Father Christmas or Easter Rabbit. The subjects he broaches are bewilderingly numerous and varied: from the multifarious studies on Monteiro Lobato to his book on *Aesthetics and Poetics* (1985), from *Letters from the Brazilian People to the President* (1993). His latest offering goes under the title “Brasilia’s boost to the Westward March: Commentary on Clóvis Sena’s *Mid- West Frontier*” (1997).

The fourth Cassiano I have discovered is the Playwright. Before moving to Brasilia (in 1968, if I’m not mistaken), Cassiano was attached to the thriving theatre world in São Paulo. This put him in touch with some of the leading lights of Brazil’s modern theatre movement, actors and directors of the caliber of Cacilda Becker and Ziembinski. Contact with the theatre led him to try his hand at writing for the stage. Thus it was that Cassiano became the author of four plays, including the autobiographical drama *As Luvas de Ema* [*Emma’s Gloves*], which was even staged in the U.S. But, like all intellectuals who have chosen to make Brasilia their home, he paid the price of distancing himself from the hub of the Brasilia theatrical establishment in the Rio-São Paulo region. In his case, moving away meant sacrificing a promising career as a playwright.

Cassiano's fifth persona is the poet. My knowledge of this side of him dates back to 1975, the year in which he published *Madrugada* [Dead of night]. Although he had spent virtually his entire life writing and occupying himself with literature in one way or another, Cassiano came to poetry in his intellectual maturity, at the age of 41. As a result, his poems are free from the usual ups and downs, from the gushing excesses of youthful verse. His first book of poems, *Prisioneiro do arco-íris* [Prisoner of the Rainbow], was published in 1962. In the intervening years between that debut and *Madrugada* came *Jornada* [Journey] (1972).

Cassiano has made himself the object of his verse. His poetry is remarkably autobiographical, as in the superb poem "Sou de Santos" [I'm from Santos] from *Madrugada*. His poems treat us to reminiscences of childhood, youth and adulthood. People who have no doubt played a major role in his life are tellingly portrayed in his texts, like his father in this passage from "Bicicleta" ["Bicycle"], one of his best-known poems:

Bite your lip, hold back your pride!"
My father's lessons stung...
If I ever had a bike to ride,
like lads out having fun,
he'd very likely come unstrung.

In nostalgic verse, often charged with strongly erotic overtones, Cassiano paints by-gone days. Occasionally the poetry is tinged with melancholy as the poet contrasts his maturity and old age with the fleeting youthfulness of those who surround him ("Estrangeiros" ["Foreigners"], "O Mergulhador" ["The Diver"]) or merely cross his path ("Triunfador em Buenos Aires" ["Triumphant in Buenos Aires"]), awake-

ning in him, despite himself, the sweet-sour tang of times past. In “Improvisto” [“Improvisation], he confesses:

Only the instant
I kiss your lithesome mouth
do I realise
the unrelenting truth
of my age,
the aeons that divide us,
all the debris,
all the slush,
piles of wilted petals,
trash
in umpteen alleys.

In recent years, a strong social tone has crept into Cassiano’s essay writing. He seems progressively more concerned about the destiny of the country, particularly the present and future predicament of its less privileged sons. Several of his poems also reflect this preoccupation. “Provocações dos paus-de-arara” [“Trials of the migrants”] and “Rapazes de suburbia” [“Suburban lads”] immediately spring to mind, in this context. In “Invasões” [“Squatting”], he writes:

This country’s so vast
yet its people
have nowhere to live.
As there’s no land to spare,
they turn to despair.
There is no room
for this plant
Man –
to bloom.

(...)

These hardy,
long-suffering,
fearless folk,
don't they moisten your eye?
Think it through
in your heart:
they're Brazilians, too
and determined not to die...

The sixth side to Cassiano is his gift as a musician. Amazingly, without any musical background or training, Cassiano has composed the lyrics and melodies of two samba songs (A ingrata Madalena [The Ungrateful Madalena] and Vem se queres [Come if You Will]), as well as setting to music a poem by Martins Fontes titled “Serenata” [Serenade]. By the composer’s own admission, his composition was performed by a full symphony orchestra in 1954 during the Fourth Centennial celebrations for the city of São Paulo. Though his interest in music is clearly visible in the titles of his poems (“Blue”, “Blue no. 2”, “Harlem Blue”, “Brief Serenade”, “Nocturne no. 1”), it is the musicality of his verse that brings him closest to Euterpe’s art. Hardly surprising, then, that renowned Brazilian composers, including Cláudio Santoro and Emilio Terraza, should succumb to its melody and be moved to set some of his poems to music.

The seventh Cassiano Nunes is the translated poet. A number of his poems had already been translated and published abroad, notably by Jane Longland, Raymond Sayers and William Myron Davis. More recently, Mark Ridd, a lecturer at Brasilia University’s Foreign Languages & Translation Department, has translated thirty of his poems, now published in this bilingual anthology.

Translation – all the more acutely in the case of poetry – implies insightful reading of the text on the translator’s part. His translation reveals aspects of the source text that had escaped the reader’s notice in the original. For the poem to work as a translation, it must be rewritten, and not only the content but also, where possible, the form must be transposed into the target language. In the present case, there is patent identity between poet and translator. The outcome is English poems that retain all the flavor of the Portuguese originals, as in “This Old Dog” (“Este velho cão”) from *Ver-sos íntimos e poesia social [Intimate verse and social poetry]* (1995):

Este velho cão
que me acompanha sempre,
contra a minha resistência.
Este velho cão
que se esconde
debaixo da minha pele.
Ele uiva até nas noites estreladas.
O luar o alucina.
Pergunto-me tantas vezes:
“Por que o suporto?”
E me respondo:
“É porque ele é meu inimigo
mas é eu próprio.”
Devo suportar
a dolorosa rotina
com este velho cão.
Até que um dia
os meus olhos se fechem,
This old dog
that hounds me ever

gnawing my resistance.
This old dog
that lurks
beneath my skin.
It even howls on starry nights.
The moonlight drives it frantic.
I always ask myself:
“Why do I endure it?”
And I myself reply:
“Because it is my enemy
but it is my self.”
I must endure
my dire routine
with this old dog.
Until one day
my eyes will seal
palpitating perhaps
twixt death and dream.

Cassiano, the seven-sided man? In actual fact, the author of *Atualidade de Monteiro Lobato* [The continuing appeal of Monteiro Lobato] (1984), like any other mortal, has many other sides to him that have yet to be revealed. I have alluded here to those I know best and that merit inclusion in a literary profile. I would, however, like to conclude these brief words with a suggestion or appeal to the poet. Although he has published a great deal, it is high time he unveiled another of his guises, that of the memorialist. He still owes us an autobiography, in which he can set down for posterity the main events from the wealth of his experience, spanning almost eighty years. His memoirs would not only retrieve from oblivion relevant details of Brazil's literary history but they would also shed light for us on the many other sides of his multi-faceted personality.

Brasília, 1998.

ON CHRISTMAS EVE

Christmas once more!
How calendars
Will blithely up the pace
When you've turned forty,
Time gallops by.
You cannot hope to halt it
To even glimpse an alleyway
(much less the thoroughfare of Song).
But compensations do persist:
The brimming wine at dinner spilt
(auspicious ruby stain)
and the manger star
resplendent
stirring dreams still unfulfilled
of passion that, of yore, did flare
in lives now turned to dim despair.

FOREIGNERS

By sudden chance we met.
Perfection instantaneous
did find its ready hour.

You hailed from verdant vale of Spring
and I from misty Autumn's shire,
and yet our minds were one at once
(our foreignness a magnet).

We speak the esperanto of love
With its plain syntax of flowers.

THIS OLD DOG

This old dog
that hounds me ever
gnawing my resistance.
This old dog
that lurks
beneath my skin.
It even howls on starry nights.
The moonlight drives it frantic.
I always ask myself:
“Why do I endure it?”
And I myself reply:
“Because it is my enemy
but it is my self.”
I must endure
my dire routine
with this old dog.
Until one day
my eyes will seal
palpitating perhaps
twixt death and dream.

WAIT A WHILE

Do not term love
what is mere desire.
Ideal's too white a word
for your retiring urge.
Try to be precise
defining things.

Do not call my death "death"
nor deem it definitive.
Wait a While, chum!
Wait a while
for the resurrection.

SANCTUM

Poetry:
perennial apprenticeship
or expert employ?

Craft
that's what it is:
unpretentious,
proletarian.

Preposterous
to proclaim yourself
lord or,
victor.

There's no triumph
in this toil
despite
the unseen splendor.

It humbly preserves,
encased in rapt chest,
in eucharistic silence,
the godhead.

I'M FROM SANTOS

*On reading Archibald McLeish's
"Where a Poet's From"*

I was born by the sea
like Ribeiro Couto.
Like him, I sang
the docks of Paquetá,
aswarm with sailors,
foreigners,
rovers.

The shrill whistle of ships
lured me to distant lands,
seductive proposals.

I roamed the word.
I've washed up on this plateau
where, alone among books,
I tend my ebbtide years.

Sometimes at night
I wander down to the Expressway
and linger by the vacant lots
(amplitude) of Brasilia's South Wing.

In the distance,
the construction cranes
are redolent of the docks...
And the salty breeze
wafts home the fatuous call of the sea.

IMPROVISATION

Only the instant
I kiss your lithesome mouth
do I realise
the unrelenting truth
of my age,
the aeons that divide us,
all the debris,
all the slush,
piles of wilted petals,
trash
in umpteen alleys.

THE LEGACY

Give me the chasms of night
and its mystery.

I'm tired of being obvious
and of playing straight.

I now prefer unfathomable enigmas
and unbreakable locks.

I've kicked the calendars
and their cousins, clocks.

I'll sign off in hieroglyphs
whose sense cannot be read.

I leave you the plaster mask
and the silence of the dead.

BRIEF SERENADE

How can I find
loneliness wrong
if I possess the night
and its lilting song?

The night is so deep
it engulfs me quite.
Lovestar! At your window
turn on the light!

THE HUNT

Those wetland nights
of sperm and disdain
were raucous howls
on a barren plain...

The distraught hunt
through every park and lane
was for the diamond:
a word humane.

NOCTURNE NO. 1

I stop feeling destitute
when I contemplate the stars.

Any looney
(me)
can inherit
the sky's estate.

Black brandy and free
the night besots me.

I dream my best
while I'm awake.

SUFFOCATING THE BOY

For the man to emerge
he must suffocate the boy.

Sinister whim
of mother nature.
Such a xiphopagus
is a wonder to behold:
a man
by a membrane
attached to a boy!

In the glass I scan the face:
wasted, ashen gent.
Only the startled eyes
betray a vestige of the boy.

No use feeling sorry!
No option has been found.
For the man to survive
and resolutely mould
the noble contour of his fate,
he must suffocate the boy.

THE COIN

Nocturnal beggar
your weary tramping
has not been in vain.

At daybreak
stiff and aching
on the pallet you collapse.

But in the recess of your pocket
nestles
(scintillating coin)
a poem.

VAN GOGH'S BEDROOM

*(Contemplating a painting
in an Amsterdam museum)*

I shun
the presidential suites
with their plush carpets
chandeliers
vinegar.

I choose this meager room
the rickety single bed
two rustic chairs
the dumb waiter
with its glass jug
and potent formula
for exploding meteors.

THE DIVER

To Paulo Chaves

Once in a while, I dive
in the reservoir of night.

(On high,
delirious constellations.)

I slip past lilly pads
trawling a sparkling trail...

Ardent fisher,
I'm at one with my harpoon
and obstinately probe
the murky liquid jet
until
I spear a silver fish
and surface to the moon!

NOCTURNE

There comes a point
in love when
you cease to crave the magnetizing face
the rare, infatuating air
– prerogatives of people...

There comes a point
in love when
you cease to crave people.
Simply
(and meekly)
you long for landscapes,
scenes,
the park, small hours, alone,
dread of what loiters by bushes,
the blade that slits your flesh
with the flailing fury
we once required in love.

THE VEIL

To Antonio Candido

Over the dead lady's face
they drew a veil.

Futility.

Oh, the dead could give two hoot:
for our queer attitudes!
They've lost the capacity
for shock.
Their faces have acquired
the neutral glaze of glass.

Bully for them!
They can lightly bear
what is beyond our sooth:
the raw, untrammelled brilliance
of the whole truth.

SUNLIGHT IN A EMPTY ROOM

(Painting by Hopper) To Asta-Rose Alcaide

The sun penetrates
the empty room
through the pane
as the Holy Ghost
rends the sacred hymen.

The tongue of light
announces that outside
there are trees
wind
sky.

It proposes an alliance
of exterior and interior,
universe and individual,
Nature and Soul.

On the canvas
quadrilaterals dun and bright
– interplay of shade and light.

The bare room's
rectangular purity
recalls Flaubert's phrase:

“Nothing is a lovely
as a sun-drenched,
white-washed wall.”

Realist painter?

Metaphysical?

Abstract?

How could a man
in his twilight days

in his last painting
compose this elegiac hyaline,
an anthem to Life
so crystal-hymn?

I abstract myself
from walls and frames
from what is material and real
in the painting
and raptly savour
its sheer, mysterious Beauty.

I lie down in the picture
– and dream.

AIRPORT POEM

How much of me has rubbed off on hotel rooms?
On the garden green of childhood?
On foreign cities,
impassive witnesses to loneliness?

Oh! the offensive indifference of things!
Men's natural dis-memory!
The relentless assault of time!

Why am I not like sailors
who drink oblivion?

Instead, I belong
to that breed of bird
that goes woozy with open space
but unerringly retains
its instinct nest.

CONTEMPLATING THE PORT OF NEW YORK

To Francisco Azevedo

I love the ambiguity
of a bustling seaport quay
that invites us to depart
and yet teaches us to stay...

Perhaps because I've been
a kind of captive too
I've crystallized in myths
both ship and crew!

Now I roam the world...
Really, any place will do.
I take with me the rhythms
of the Santos docks I knew.

METAMORPHOSIS

Its's doubtless a sin
this overpowering feeling
that grips me from within
every magic moment
you turn
into an orchid!
I readily admit
how wanting I am.
I should devote myself intensely
to creatures such as this
and not just love
their brief metamorphosis.

BLUE

Verse like I have written
others will write anon.

Songs like I have chanted
others will sing in throng.

A defter craftsman
has replaced me
at the bench.

Other mouths will explore you now
with subtler salacity.

Whatever dies with me
in finer form
the world will see.

Forgive me
for the slender contribution
(yet none-the-less unique!)
that will be gone for good.

SURVIVOR

To Augusto de Rezende Rocha

On the river of memory's
silty bed
and dark, burbling surface
pass handsome heads
bewitching mouths
pass shapely thighs
lactescent arms
phalluses, buttocks of sundry shapes and pigmentations
– giddy, arcane rondure.

I perturb myself
striving to identify the debris
that revolves, beckons, submerge:
returns in a final swirl
and is swallowed by a whirlpool.
In the end, all there is is me,
sole, erect
survivor of a deluge of illusions.

GAY RANDYVOUS

Many cinemas
fail to pull
such a large audience!
There's not even time
to change the sheets.
The merry till
jingles.
And, unsatiated,
bodies scratch the linen
rooting for the beach
the breeze, the sun
- vain promise of poems.

INDIVIDUAL

Glad to see
the first daisy
budding
in my garden
(just one bed).
Flower of propriety.
Flower of poetry.

All flowers are private,
secreting intimacy
under a collective sun.

INSTANT

The brook skips,
gurgling
its endless infancy.

Now a bird,
now an elephant,
the cloud scuds
on the aerial rink
– azure.

Flowers die
as they are born:
smiling.

Oh! Let me drop
like a withered
leaf,
fulfilled for having lived out
its own life.

FLOWER-IDEAS

We must live
the honeysuckle instant.
We must relish
the tulip moment.

Every minute
unfolds in bloom.
Avid orchid mouth,
lunging lily-spear.

We move
under floral signs.

Take from the daisy
the miniscule sun.
Make it
the potent system
of your inmost universe.

TWO TORSOS AND BLOOM

In the bedroom's gloom
our bodies merge
indistinguishable.
Arms, legs, in disarray,
form the mobile, trepidating corolla
that turns...
Carnal gyration,
erotic recreation.
Sensual rotor (rose)
twirling meticulously in Time
till the instant
we say "enough"
and the petals drop
peremptorily.

In the wilderness,
taskless and uncommitted,
perhaps one day we shall live
solely to recollect that bloom.

BICYCLE

To Nair Lacerda

If a bicycle were mine to ride,
I'd pedal madly down the street.
Through Arcadian woods I'd glide
and head straight off for Crete.
I'd rove to kingdoms far and wide
while youth was my possession.
To charge the wind and brave the sleet
my ultimate ambition.

But I'll not have a bike to ride.
Just like when I was young.
That grudge in secret I did hide.
"Be quiet, now. Hold your tongue!
Bite your lip, hold back your pride!"
My father's lessons stung...
If I ever had a bike to ride,
like lads out having fun,
he'd very likely come unstrung.

THE LOST BRAZIL I GLEAN

If I were Volpi, I would paint
these rustic views
of tatty sills and doorways quaint
in yellows, greens and blues.

They are the mortal remnants
of a land both vast and wild
in whose lethargic body
dwelt the spirit of a child.

Gone for good, now. What a pity!
How sublime it might have been.
So, I'm bound for New York city
for the lost Brazil I glean.

*Obra reunida Cassiano Nunes -
Poesia* foi composto em tipografia
Fracklin Gothic Book, corpo 12pt
e impresso em papel Pólen 80g
nas oficinas da THESAURUS EDITORA DE
BRASÍLIA. Acabou-se de imprimir em
dezembro de 2015.



Cassiano Nunes nasceu em Santos, SP (27/04/1921). Faleceu em Brasília (15/10/2007). Formou-se em Ciências Contábeis, mas, sempre foi fiel a Literatura. Com novo diploma em Letras Anglo-Germânicas, seus caminhos o levaram a outras universidades, como estudante e como professor; Universidade de Bonn e Heidelberg, na Alemanha, e University of New York, nos Estados Unidos da América. Proferiu mais de mil conferências no Brasil e em vários países da Europa, sendo que nos Estados Unidos fez conferência em mais de doze universidades. Sua obra consta de aproximadamente cento e cinquenta títulos. Muitos destes esperam reedição.



M. de J. Evangelista (Maju) é professora de Letras da Universidade de Brasília.

Natural do Piauí, é Bacharel em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Maranhão e Doutora pela Université de Toulouse – França. Com estudos comparativos em Portugal, foi professora Catedrática na Universidade de Coimbra e nesta dirigiu o Centro de Estudos Brasileiro. Ela tem publicado ensaios em revistas especializadas no Brasil e no Exterior. Recentemente, publicou Editora da UnB o livro Cassiano Nunes; Poesia e Arte

O triunfo dos poemas de Versos Íntimos de Cassiano Nunes é de entregar ao leitor um sentimento de redescoberta da existência, que nos contagia, contamina. Cassiano cumpre através de sua obra a missão mais elevada da arte: levar o indivíduo à reflexão. O primeiro exemplar de sua obra que me chegou às mãos foi Jornada. No mesmo dia, na latência da noite, sociabilizamos os poemas-paixões de Cassiano Nunes. Foi uma noite fecunda. Versos que conciliam tensão com intensidade de sentido, nos quais cada palavra é intumescida de aspecto humano. Cassiano relampeja de vez toda a sua verve poética. Enquanto toneladas de tontices chegam de todas as latitudes, ler “Metamorfose”, “Blue”, o decantado “Bicicleta”, “A Busca”, “Noturno”, “Envelhecer”, “Este Velho Cão” e outros é a possibilidade de ampliarmos nossa educação. Estabelecida a relação entre o poeta, a poesia e o leitor tem-se a possibilidade de se extrair do poema uma lição que o Poeta dá ao leitor e a si mesmo.

Ricardo Lobato

